



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

PRISCILLA DA SILVA SOARES

**DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO: A PERSONAGEM BRANCA
DE NEVE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

GUARABIRA – PB

2016

PRISCILLA DA SILVA SOARES

**DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO: A PERSONAGEM BRANCA DE NEVE
NA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, campus III em cumprimento da obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB

2016

S676c Soares, Priscilla da Silva

Do clássico ao contemporâneo: [manuscrito] : a personagem Branca de Neve na literatura infantojuvenil / Priscilla da Silva Soares. - 2016.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de Letras".

1.Literatura Infanto-Juvenil. 2. Contos de Fadas. 3. Branca de Neve. I. Título.

21. ed. CDD 028.5

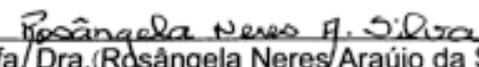
PRISCILLA DA SILVA SOARES

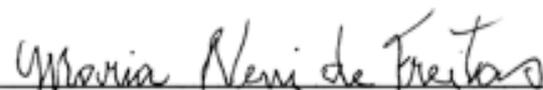
**DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO: A PERSONAGEM BRANCA DE NEVE
NA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

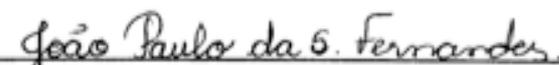
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada.

Aprovado em 21 de Outubro de 2016.

BANCA EXAMINADORA


Profa/Dra. Rosângela Neres Araujo da Silva
Orientadora - UEPB


Profa. Dra. Maria Neni de Freitas
Examinadora - UEPB


Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Examinador - UEPB

Primeiramente, dedico esta monografia a Deus, pois sem fé não chegamos a lugar algum. À minha orientadora Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva. E a minha família, em especial aos meus pais que sempre me apoiaram durante toda a vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sem fé não se chega a lugar algum.

A minha família, em especial aos meus pais, que sempre me incentivaram a continuar na caminhada da vida acadêmica quando eu pensava em desistir, e por todos os subsídios durante toda minha vida.

A todo o corpo docente da universidade, que proporcionou professores qualificados para o ensino das disciplinas, assim como os eventos que proporcionaram um leque maior de conhecimento.

A minha orientadora, Rosângela Neres Araújo da Silva, que foi quem me apresentou a literatura infantil, e que com toda sua calma me orientou como prosseguir no decorrer do meu TCC até finalizá-lo.

Aos meus amigos que me incentivaram ao decorrer da vida acadêmica, sempre me ajudando no que fosse preciso, e os quais eu levarei para todo o sempre.

Embora os contos de fadas terminem logo depois da décima página, o mesmo não acontece com a nossa vida. Somos coleções com vários volumes. Em nossa vida, ainda que um episódio possa terminar mal, sempre há outro à nossa espera e depois desse, mais outro...

Clarissa Pinkola Estés

RESUMO

Ao se considerar o contexto social em que cada obra foi escrita, vê-se que as diferentes versões da personagem Branca de Neve se adequam a sua época com suas respectivas representações na literatura. Isso mostra como cada sociedade se mostra adaptável ao tempo. Com isso, este estudo tem como objetivo mostrar a representação feminina nos contos de fadas, através da personagem “Branca de Neve”, dos Irmãos Grimm em comparação com a personagem no texto “A salvadora do mundo” escrita por Fernando Portela, e que se encontra no livro *As Sete Faces do Conto de Fadas*, de Marcia Kupstas. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Góes (1991), Brait (2006), Gotlib (2006), Cademartori (2006), Cunha (1999), dentre outros. Assim através desta pesquisa foi possível perceber, como as duas Brancas de Neve aqui analisadas representam a trajetória que a mulher percorreu desde os tempos antigos até os atuais, refletindo os ideias da sociedade em que estavam inseridas.

Palavras-chave: Literatura InfantoJuvenil. Contos de fadas. Branca de Neve.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2 Conceitos e origem da literatura infantojuvenil	11
3 O conto de fadas: estrutura e características	17
4 Um breve contexto acerca da mulher do século XVII até os dias atuais	24
5 Branca de Neve: duas leituras da personagem feminina	26
6 Considerações finais	30
Referências	31

1 Introdução

O contar de histórias é a mais antiga das artes, ou seja, essas histórias estão presentes na nossa cultura desde os tempos mais remotos. A prática de narrar sempre foi bastante presente nas sociedades antigas, como forma de passar seus costumes e lições que deveriam ser tiradas daquelas histórias. Segundo Cavalcanti, (2009, p. 19), “As narrativas sempre se constituíram relato essencial da capacidade humana de fabular, fantasiar e criar. Desde sempre o homem narrou.”

A comunicação oral é a mais antiga forma de comunicação entre as pessoas, e é a partir daí que começa a delinear-se o contar de histórias, que promoveu o surgimento aos contos de fadas. As pessoas, ao se reunirem ao redor do fogo para se esquentarem, começavam a dialogar e com isso várias histórias também eram narradas, seja para passar a cultura daquele povo, seja para explicar os acontecimentos estranhos a sua volta. Esse contar era passado de geração em geração, mas ao começar se difundir por todos os cantos os contos de fadas foram ganhando as características da sociedade na qual era inserido.

Dotado de capacidade de fabular, o homem teve a possibilidade de sair da condição de ser primitivo para se tornar narrador, agente da sua própria história, sonhada, fabulada, e narrada. Assim, imerso no mundo simbólico preenchido pelas imagens universais foi traçando o seu caminho e se fortalecendo como sujeito da linguagem e de si, portanto um criador de cultura. (CAVALCANTI, 2009, p.20)

Os contos de fadas surgem assim da tradição oral, há milhares de anos atrás, e a partir da coleta dos mesmos foi se dando início à literatura infantil como conhecemos hoje. Embora sua valorização tenha se concretizado apenas quando as crianças passaram a ser vistas de forma diferente dos adultos, os contos de fadas ganharam não somente o público infantil como o adulto, isso acontece por terem uma maneira fantástica de contar as histórias.

Eles têm um papel importante na sociedade, pois são histórias de cunho social (moral) e cultural desde seu surgimento. Ao longo do tempo os contos de fadas foram sofrendo modificações para poder se adequar as crianças, o mesmo acontece hoje em dia além de novas modificações também criam novas histórias através das mais tradicionais, com novos ensinamentos. Logo, os contos de fadas sempre vão se adequando a época na qual se insere.

Os contos se fazem presente no cotidiano das crianças desde o surgimento da literatura infantil. São histórias que vem se perpetuando ao longo do tempo e hoje em dia podemos ver em campanhas publicitárias o uso da imagem e a adaptação cinematográfica das princesas dos contos de fadas com um novo desenrolar das histórias.

Como falado mais acima os contos de fadas foram se adaptando ao longo do tempo, e com isso mudando algumas características dos seus personagens. A fim de analisar essas mudanças, foi escolhido o conto da *Branca de Neve* para analisar a representação feminina no conto clássico e contemporâneo.

Como existem muitos contos e o leque de personagens também é grande, para o desenvolvimento deste trabalho foi escolhido especificamente o conto de Branca de Neve, aonde será dado ênfase específica à representação da personagem feminina. Ao se considerar o contexto social em que cada obra foi escrita, vê-se diferenças entre as representações da Branca de Neve, pois cada conto aqui analisado se adequa à época na qual foi escrito e as respectivas representações que elas determinavam na sociedade vigente.

Sendo assim, este estudo tem como objetivo mostrar a representação da personagem feminina em “Branca de Neve”, na versão dos Irmãos Grimm, em comparação com a mesma personagem no texto “A salvadora do mundo”, escrito por Fernando Portela, e que se encontra no livro *As Sete Faces do Conto de Fadas*, de Marcia Kupstas. Para tanto, é necessário entender a época na qual foram escritas as histórias, pois cada uma terá influência no texto literário e na representação da personagem feminina.

Dessa forma, no segundo capítulo desta monografia serão abordados os conceitos e origem da Literatura InfantoJuvenil; no terceiro capítulo, veremos como se caracteriza e estrutura o conto de fadas; no quarto capítulo, faremos um breve comentário sobre a situação da mulher do século XVII até os dias atuais, para que entendamos melhor a representação do feminino no conto de fadas; no quinto capítulo, procederemos a análise sobre as duas versões do conto Branca de Neve, utilizadas como base para a pesquisa e resultados deste trabalho.

2 Conceitos e origem da Literatura Infantojuvenil

A literatura infantil para muitos estudiosos começa a delinear-se no início do século XVIII, mas antes disso, no período do classicismo francês que ocorreu no século XVII, já haviam sido escritas histórias relacionadas à infância, como as *Fábulas*, de La Fontaine, que foram editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas após seu falecimento, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, que Charles Perrault publica em 1697.

No século do classicismo francês não existia uma literatura especialmente para as crianças, pois não se percebia um tempo diferente para o amadurecimento delas, e que deveriam deter de um espaço separado do mundo adulto. Assim toda obra publicada para os adultos as crianças também liam, pois elas estavam inseridas na vida social do adulto. Mas com as transformações a qual a sociedade da época vinha sofrendo, tanto políticas, culturais, econômicas e principalmente religiosas, faz com que nos séculos seguintes já se tivesse uma diferente concepção acerca do que é ser criança.

Com a industrialização eclodindo no século XVIII, acaba ocorrendo o crescimento financeiro e político das cidades o que por consequência leva a decadência do poder rural e do feudalismo vigentes desde a Idade Média. Assim a burguesia passa a se consolidar e deter de um patrimônio grande, como também passa a incentivar instituições que trabalham em seu favor, ajudando-a atingir suas metas. Tem-se como a primeira instituição a família, na qual o modelo ideal se torna aquele em que o pai trabalha para manter a situação econômica, e a mãe a organizar a vida doméstica, cuidando da casa. A partir desse momento, a sociedade passa a pensar na infância.

A criança passa a deter de um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. (Zilberman e Lajolo, 2006, p17)

Como segunda instituição, temos a escola, onde será solidificada a política e ideologia da burguesia. A escola até o século XVIII não era obrigatória, pois muitas crianças eram educadas em casa. Aos poucos, foi-se tornando obrigatória, pois era necessário preparar as crianças para enfrentar o mundo quando maiores. Assim

tanto a escola como a família eram mediadoras entre as crianças e a sociedade. Vale salientar que, a escola de início só era frequentada pela burguesia, as crianças mais pobres ficavam à margem, ou trabalhando nas indústrias ou causando tumultos sob a influência de pessoas maiores.

A segunda instituição convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia é a escola. Tendo sido facultativa, e mesmo dispensável até o século XVIII, a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória das crianças, bem como a frequência às salas de aula, seu destino natural. (ZILBERMAN e LAJOLO, 2006, p.16)

Com toda essa nova percepção acerca da concepção sobre a infância e a ascensão da burguesia, Regina Zilberman comenta:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão. (2006, p.15)

É a partir do século XVIII então que se começa a pensar em uma literatura voltada para as crianças. Observou-se que as mesmas tinham suas necessidades e características próprias, logo deveriam ser educadas de uma forma que as preparassem para a vida adulta, mas respeitando todas as fases da infância. Deste modo, surgiram dois tipos de crianças, uma com acesso a uma literatura clássica que tinha seus chamados preceptores os quais lhe orientavam na leitura, as eram as crianças da nobreza, e as crianças de classes desprivilegiadas, geralmente os camponeses, que ouviam histórias de cavalaria e aventuras.

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 1999, p.22)

Mesmo tendo o seu ponto de partida na França com as obras de Fénelon cujo teor das obras eram didático, é dentro desse contexto de transformações que surge

de fato a literatura infantil. Nesse contexto, a literatura infantil passa a condição de mercadoria, levando em conta que a literatura em se tratando de material escrito e não mais oral, como era passada antigamente na Idade Média, depende da capacidade de leitura das crianças. Sendo assim, para os escritores supõe-se que as crianças tenham passado pela escola.

A escola passa assim a deter de um importante papel na formação da criança, pois sem o ensino que proporciona sobre a língua, os livros impressos de nada valeriam e não dariam lucros à indústria de livros. Uma vez que se perdeu a tradição de se contar histórias para as crianças, a indústria começa a lucrar em cima da literatura, repassando os valores e ideais da burguesia.

Com tudo isso, aos poucos vai se percebendo a importância da literatura infantil, mesmo que se tenha tido dificuldades por parte dos escritores da época em escrever para as crianças, já que existia certo tipo de poder das instituições sobre o que poderia ou não ser destinado as crianças, “Do grande elenco de obras publicadas no século XVIII, poucas permaneceram, porque então era flagrante o pacto com as instituições envolvidas com a educação da criança.” (ZILBERMAN e LAJOLO, 2006, p.20)

Durante esse longo caminho percorrido pela literatura infantil, para encontrar algo que se adequasse as crianças e jovens, como já foi citado anteriormente observou-se duas tendências: a leitura dos clássicos que remota da influência do classicismo francês do qual se foi feito adaptações, e do folclore que teve suas histórias adaptadas. É daí que surgem os contos que se dirigiam para os adultos e após as adaptações foram direcionadas as crianças.

O folclore surgiu em meio ao processo de cristianização, que consistia em converter povos inteiros ao cristianismo e erradicar culturas pagãs. Ao praticarem a cristianização forçada ela acaba por se misturar ao paganismo o que gera uma mistura de tradições. Começa a surgir então às superstições que caminham lado a lado com os ritos da igreja. O folclore se torna assim as manifestações do povo desde danças, cerimônias, canções e os contos.

Assim os primeiros textos da literatura infantil foram adaptados para uma linguagem mais fácil, foram retirados os conflitos não exemplares, e as digressões que existiam por se tratarem de textos para adultos, e valorizou-se o imaginário. Nesse momento, temos o surgimento de autores que consagraram a literatura

infantil: Charles Perrault, Fénelon, La Fontaine, Hans Christian Andersen e os Irmãos Grimm.

Charles Perrault é considerado o propulsor da literatura infantil, quando lança os célebres “Contos da Mamãe Gansa”. Data da primeira metade do século XVIII, as primeiras obras publicadas para o público infantil, antes disto, apenas no classicismo francês do século XVII temos algumas obras que podem se englobar na linha da literatura infantil.

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as Fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, As aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os Contos da Mamãe Gansa, cujo título original era Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades, que Charles Perrault publicou em 1697. (ZILBERMAN e LAJOLO, 2006, p. 15)

Assim, Perrault começa a coletar os contos populares após o *Fronde*, movimento popular contra o governo absolutista de Luís XIV, um período de reinado que deixou marcas de repressão na França. Perrault era de família burguesa, sendo assim devido a tensão que se tinha entre as classes na época, ele transportava os ideais burgueses para a sua obra. Em seus contos é possível perceber em alguns momentos sarcasmos em relação ao popular. Mas ao mesmo tempo ele mostra preocupação com o popular, e de fazer uma arte moralizante, através de uma literatura pedagógica.

Seus contos, em alguns momentos, caracterizam-se por um certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica. (CADEMARTORI, 2006, p. 36)

Charles Perrault adaptava os contos populares para corresponderem ao gosto da classe à qual se endereçaria, a burguesia. Faz referência à vida na corte como em “A Bela Adormecida”, à moda sofisticada em “Cinderela”, aos móveis em “O Barba Azul”.

É no século XIX, na Alemanha, que surgem mais contos, dessa vez coletados e adaptados pelos Irmãos Grimm, que além de serem filólogos foram os pioneiros

dos estudos folclóricos, eles publicaram lendas alemãs e contos. Suas obras foram reproduzidas várias vezes e adaptados a cada época desde que foram lançados, por isso suas obras hoje em dia se encontram bastante diferentes de antigamente. É a partir dos contos dos Irmãos Grimm que então se descobre a preferência dos pequenos, uma preferência pelas histórias fantásticas.

Esse modelo de histórias fantásticas foi adotado por Hans Christian Andersen, nos seus *Contos* (1883); Lewis Carroll, em *Alice no país das maravilhas* (1863); Collodi, em *Pinóquio* (1883), e James Barrie, em *Peter Pan* (1911). Outro tipo de história que despertou o interesse das crianças foram às histórias de aventuras, que ocorrem em espaços diferentes, em situações aonde jovens comandam e não os adultos. Temos como exemplo disso *O último dos moicanos* (1826), de James Fenimore, e os vários livros de Jules Verne, que mostram lugares exóticos, aspectos culturais de pessoas reais e imaginárias.

Por último e nem por isso menos importante, tem-se a história que apresenta a vida cotidiana das crianças, sem inferência de lugares extraordinários, ou coisas fantásticas, e sim a vida diária da criança mostrada como motivadora de ação e interesse. Podemos citar autores como a Condessa de Ségur, em *As meninas exemplares* (1857), Edmond de Amicis, em *Coração* (1886), entre outros. São esses autores da segunda metade do século XIX, que firmam um pouco mais a Literatura Infantil e garantem sua expansão por vários países.

Como se sabe, a literatura infantil era criada para ser usada em função da pedagogia. E isso se tornou presente na literatura brasileira. No seu primeiro momento, as adaptações do modelo europeu que chegava através de Portugal no Brasil, influenciaram não somente os contos de fadas, mas também incentivou os escritores brasileiros a fazerem um projeto educativo e ideológico através dos textos: “No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e sobretudo adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.” (CUNHA, 1999, p.23)

A literatura infantil chega ao Brasil em um momento de transformações. A partir do final do século XIX é que se começa a aparecer os primeiros livros para crianças escritos e publicados por brasileiros. Mas é com Monteiro Lobato que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Sua obra é vasta quanto ao gênero e orientação, e com *O sítio do pica pau amarelo* consolidou-se totalmente. Lobato, além de escrever obras didáticas, também se aventurou pela exploração do folclore

e do imaginário, às vezes com menção de personagens da literatura infantil tradicional.

Monteiro Lobato mostra uma escrita também voltada à situação do país, um olhar crítico para os grandes problemas mundiais, e expressa esses sentimentos com uma linguagem popular. Além disso, ele foi um grande adaptador dos contos de fadas clássicos, a exemplo de *Peter Pan* e *Pinóquio*. Com sua literatura, Lobato abriu caminho para o surgimento de novos escritores brasileiros.

Em todas as obras, porém, observa-se o mesmo questionamento e inquietação intelectual, a preocupação com as questões nacionais ou os grandes problemas mundiais, expressa essa temática numa língua marcada pelo aproveitamento do dialeto brasileiro. Foi ainda um grande adaptador dos contos de fadas e das obras *Peter Pan* e *Pinóquio*. (CUNHA, 1999, p.24)

Ao procurar romper com o modelo europeu que era a base da criação dos contos brasileiros, surge o movimento de nacionalização. A Literatura Brasileira agora procura exaltar as belezas naturais, a grandeza nacional, os episódios históricos e o culto da língua da pátria. Sendo assim, a preocupação em mostrar a cultura aos seus leitores, os escritores brasileiros se afastaram dos textos padrões e os adaptou ao modo de viver nacional. Com isso foram inseridos os valores que seriam repassados através das leituras dos textos também nas escolas.

3 O conto de fadas: estrutura e características

A arte de se contar estórias se dá desde os tempos mais remotos da civilização, pois existia a necessidade de passar aos membros envolvidos nas sociedades os mitos e ritos. Até o surgimento da escrita, essas estórias foram passadas oralmente de geração em geração, e nos dias atuais a arte de se contar estórias ficou resumida a hora de dormir ou em rodas de leitura em algumas escolas.

Aliás, sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e ... contam casos. Ou perto do fogão de lenha, ou simplesmente perto do fogo. (GOTLIB, 2006, p. 5)

A partir da necessidade de explicar os acontecimentos que ocorriam ao seu redor, o homem começou a narrar as estórias de maneira que a imaginação sobressaía ao que era real. Tudo ao redor tinha vida paralela à dele, assim todos os acontecimentos desconhecidos ao homem, ele procurava explicar através da corporificação das forças do universo, criando formas endeusadas e animadas que atuavam sobre os acontecimentos. Nesse contexto, surge então o mito, que logo dará origem ao conto, como afirma Góes (1991, p.66): “O processo se fez simplesmente assim: da palavra viva e animada surgiu o mito, e deste nasceu o conto”.

A palavra contar vem do latim *computare*, que significa cômputo dos fatos ou o conto deles, e a palavra fada do latim *Fatum*, significa o fado, ou seja, o destino do homem. Assim, o conto de fadas que vem a prevalecer até o final do século XVII, é destinado principalmente aos adultos, pois como o próprio significado das palavras “contos” e “fadas” indicam diferentes assuntos que envolviam a vida adulta. Os contos eram a transcrição oral dos medos, revoltas, anseios por uma vida melhor, crenças populares etc.

O certo é que as fadas não são ideias abstratas, mas figurações, imagens do real que nascem do coração e provam o raciocínio do homem. Nascem do desconhecido frente ao choque imediato da realidade. (GOÉS, 1991, p.112)

O conto na antiguidade não levava o nome “fadas”, pois ele era apenas o resumo da história religiosa e cultural, e da poesia épica. Para alguns estudiosos os contos mais antigos são os contos egípcios – Os contos dos mágicos que data de aproximadamente 4.000 anos antes de Cristo. Como os primeiros contos escritos da história antiga tem-se o conflito entre “Caim e Abel”, no Egito “Os dois irmãos” e “Setna e o Livro Mágico”, ambos de autores desconhecidos, do século XIV. Como exemplos de contos clássicos temos as várias histórias que existem na *Ilíada* e na *Odisseia* de Homero. Do oriente e Pérsia tem-se como exemplo *Pantchatantra* (VI a.C.) e *As Mil e uma Noites* (no Século X).

Durante a Idade Média (séc. XII a XIV), na época de grande valorização da corte, surge Boccaccio com seus *Contos Eróticos*. Seu *Decameron* (1350), que teve a tradução para várias línguas, e mais tarde Chaucer, com a obra *The Canterbury Tales* (1386). Nos séculos que se seguiram (séc. XVI e XVII) graças à influência de Boccaccio, o conto passa a ser cultivado na Itália. Pode-se citar como um importante escritor dessa época, Giambattista Basile, conde de Torone, que escreveu *O Pentamerón* e um conjunto de nove contos intitulado *A Musa Napolitana*. Segundo Góes, Os Irmãos Grimm beberam dessa fonte e usaram para criar contos bastantes conhecidos, assim também como Perrault.

Os Irmãos Grimm, em 1822, já tinham descoberto e aproveitado parte do *Pentamerón*. Os mais conhecidos contos de Perrault – a *Pele de Asno*, *A Bela Adormecida*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *Cinderela* – nele têm sua origem. (GÓES, 1991, p.75)

Como se sabe, para alguns estudiosos a literatura voltada para as crianças (os contos) começa a se delinear no início do século XVIII, mas antes disso, no século XVII já se encontram histórias escritas para crianças: como as *Fábulas*, de La Fontaine, que foram editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas após seu falecimento, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, que Charles Perrault vem publicar em 1697.

No século XVIII, que é considerado a época do pré-romantismo, surge na Inglaterra dois grandes clássicos da literatura infantil: *Robinson Crusóé* (1719), de Daniel Defoe, e as *Viagens de Gulliver* (1726) de Jonathan Swift. Uma escritora de extrema importância para literatura dessa época foi Mme. Leprince de Beaumont,

pois seus contos de maneira sucinta relacionavam lições de história e geografia, que vão permear a pedagogia infantil até o século XX.

No século XIX, surge uma preocupação com o lugar que a criança ocupa na sociedade, não somente, também passam a ocorrer estudos na área pedagógica e literária a fim de passarem a uma nova concepção do que ser criança. Nessa nova sociedade, o conto passa a ter uma maior intensidade, passa a ganhar suas próprias características literárias que o regem até hoje.

É neste século que vai se consolidar a literatura para crianças como preocupação presente em muitos autores. Surgem muitas novas idéias e a preocupação com o lugar que é destinado à criança na sociedade além de novos procedimentos na área pedagógica e literária. (GÓES, 1991, p.86)

Como vimos, os contos de fadas surgem através do mito, pois, como já foi dito anteriormente os mitos surgiram da necessidade do humano para explicar as causas ao seu redor, e com a necessidade de se fazer uma ruptura com os mitos enfrentados surge o conto, que nos tempos mais antigos eram passados oralmente a outras pessoas, pois ainda não existia a escrita, e com o passar do tempo e surgimento da escrita os contos começam a ganhar formas.

Para alguns estudiosos, os contos de fadas tem grande ligação com Perrault e os Irmãos Grimm, já que são deles os contos mais conhecidos. Vale salientar que os contos de fadas sofreram varias modificações ao longo do tempo, pois dependendo de quem os contassem, ganhavam características próprias da sociedade vigente.

Perrault viajou em busca dessas histórias contadas pelo povo percorrendo a França, para que pudesse criar os seus contos, porém como o século XVII era a época do absolutismo e classicismo na França, Charles Perrault retirou as partes que ele considerou pagã, que poderiam ser consideradas um afrontamento as normas da Igreja Católica. Segundo Góes (1991), “Para Perrault, a principal característica do livro para crianças era, evidentemente, a moralidade de inspiração cristã, mas apresentada disfarçadamente”.

Com essa preocupação em não ferir a moral cristã, Perrault, faz com que os contos que se originaram no território francês fossem contidos no quesito do fantástico que está bastante presente nos contos populares. Temos como o exemplo o conto *Cinderela* e *O pequeno Polegar*, quando comparados aos que surgiram na

Alemanha com os Irmãos Grimm. Como nos afirma Góes “O maravilhoso ocupa lugar bem modesto na obra de Perrault. As fadas são singularmente raras em suas narrativas” (1991, p. 72).

Como Perrault escrevia para a corte, para os nobres, seus contos não poderiam conter essas características do conto oral, como a violência, ritos pagãos, sexualidade etc. Assim ele recriava as estórias para que pudessem se adequar aos preceitos dos nobres. Os contos refletem algumas características ao modo de como a corte se vestia, se portava, os grandes cavalheiros e damas.

Segundo Coelho (2000, p.90):

Vulgarmente, tais estórias circulam na França (e daí para os demais países) como “contos de fadas”, rótulo que os franceses usam até hoje para indicar “contos maravilhosos” em geral. Nessa coletânea, a metade não apresenta fadas. São apenas “contos maravilhosos”, por existirem em um espaço “maravilhoso”, isto é, fora da realidade concreta. É o caso de “Chapeuzinho Vermelho”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas”, e “O Pequeno Polegar”.

É com a publicação de Contos da Mamãe Gansa, que Charles Perrault dá início a literatura infantil, que de início servia apenas para o entretenimento da corte, e depois começam a despertar o interesse das crianças, pois apresentavam uma narrativa simples e fantástica, o que antes era considerado apenas como uma coisa para se entreter a corte passa a ganhar outra visão, pois os contos passam a ser de extrema importância para o desenvolvimento imaginário da criança, assim também como o seu desenvolvimento intelectual.

Após a publicação dos Contos da Mamãe Gansa, surgem na Alemanha Jacob Grimm e Wilhelm Grimm os famosos Irmãos Grimm, que foram grandes pesquisadores, filólogos, folcloristas e historiadores. Viajavam de aldeia em aldeia nos cantos mais distantes em busca de coletar dados que pudessem fundamentar o estudo da língua alemã, assim descobriram as mais variadas histórias que hoje em dia são clássicos da Literatura Infantil.

Como afirma Coelho (2003, p. 23):

Em meio à imensa massa de textos que lhes servia para os estudos linguísticos, Os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil.

A maior parte dos contos dos Irmãos Grimm são contos aonde existe o encantamento, o maravilhoso, aonde elementos mágicos coexistem com os enigmas o mistério, o imaginário. Eles vêm para valorizar a cultura popular mostrar suas raízes, diferente do que Perrault vai fazer em sua obra, já que ele preconiza pelos feitos da corte e a moral cristã.

A obra dos Grimm trouxe, no século XIX, uma nova fonte aos Contos de Fadas ou Contos Maravilhosos. Foram os primeiros na Europa de seu tempo que deram valor estético e humano à matéria popular. Exaltaram o povo alemão, falando da alma viva e poética de suas lendas. Pode-se dizer que abriram caminho para o sentimento democrático do mundo moderno. (GOÉSs, 1991, p. 98)

No século XIX, surge Hans Christian Andersen cujas obras foram escritas entre 1830 e 1872, e que diferente de Perrault e dos Irmãos Grimm. Além de ir em busca de histórias do conto popular, Hans vai criar histórias próprias de sua autoria seguindo o estilo das de cultura popular. Algumas de suas principais histórias são: *O Patinho Feio*, *A Roupa Nova do Imperador*, *O Soldadinho de Chumbo*, entre outras.

Se na Europa os contos para crianças ficaram conhecidos através de livros, no Brasil, os contos populares se fizeram presente na vida infantil através da comunicação oral, já que devido ao tipo de conteúdo que se tinha na transmissão oral na Europa para serem passadas para as crianças, as histórias tinham que ser reformuladas para só assim serem aceitas.

Os contos de fadas são narrativas nas quais se apresentam seres encantados, magia, elementos pertencentes ao mundo imaginário, ao maravilhoso. Essas são características que tornam os contos indispensáveis à criança, pois, através da luta entre o bem e mal presente também nos contos, as crianças aprendem a lidar com seus medos. Outra característica dos contos é a tradicional maneira de começar o conto, “Era uma vez...”, e o final: “...foram felizes para sempre”. Segundo Góes (1991, p. 116): “A presença do maravilhoso é sua característica fundamental. Depois as personagens, em geral, poucas e apresentando sempre unidade, às vezes crianças, outras jovens em idade de casar.” (GÓES, 1991, p. 116)

Além disso, as histórias apresentam sempre uma problemática existencial de forma breve. A sua estrutura se resume basicamente em: O início, o herói ou heroína que vai a um lugar diferente, aonde se dá o acontecimento que dará sentido à história, além de criaturas mágicas. A conquista, o final triste do personagem mau

(vilão) e a comemoração da vitória do bem sobre o mal, onde todos vivem o final feliz para sempre.

Vê-se então os obstáculos, que precisam ser superados pelo herói para que ele alcance sua autorrealização, seja através do encontro com a princesa ou pelo simples fato de ter derrotado o mal. Além disso podemos ver como exemplo de resolução para problemas existenciais o conto de “João e Maria”, que mostra duas crianças tendo que lidar com o abandono dos pais em meio a uma floresta e a luta para sobreviver à bruxa. Os contos de fadas podem conter ou não a presença das fadas, desde que se tenham questões mágicas e os demais elementos do imaginário.

Os personagens são outra característica marcante da estrutura dos contos de fadas. Segundo nos mostra Góes:

Em geral, são poucas e apresentando grande unidade; às vezes crianças, outras jovens em idade de casar. Podem proceder de uma cabana muito pobre ou de um faustoso palácio encantado. Sua origem, as características que as distinguem, o modo com atuam são sempre extremamente exageradas. Ou são excessivamente boas ou medrosas, belas ou tragicamente feias, ou perversas ou covardes, ou valentes e nobres; ou são anõezinhos, ou gigantes, bruxas ou princesas, reis disfarçados de mendigos ou mendigos convertidos em reis e cavaleiros. (GÓES, 1991, p.116).

A caracterização da narrativa também é importante, segundo afirma Coelho:

Determinadas narrativas que, há milênios, surgiram anonimamente e passaram a circular entre os povos da Antiguidade, transformando -se com o tempo no que hoje conhecemos como tradição popular. De terra em terra, de região a região, foram sendo levadas por contadores de histórias, peregrinos, viajantes, povos emigrantes, etc., até que acabaram por ser absorvidas por diferentes povos e, atualmente, representam fator comum entre as diferentes tradições folclóricas. (COELHO, 2000, p. 164-165)

Os contos se destinam as crianças pelo simples fato de distrai-la. Essas histórias antes de tudo devem ter sempre o final feliz, pois diferentemente do adulto que entende o porquê dos fatos acontecidos, a criança não aceitaria bem um fim trágico, o que ocasionaria o desgosto de ter lido aquela história, pois seu desenvolvimento cognitivo engloba três fases a saber. A primeira fase se trata da fase do mito, onde se situam as crianças de 3/4 a 7/8 anos. É a fase da fantasia em que tudo se torna possível, aonde até os seres inanimados ganham vida. Aqui entram os contos de fadas e a literatura maravilhosa, onde não existe distinção entre fantasia e realidade.

A segunda é a fase é a do conhecimento da realidade, aqui se encaixam as crianças de 7/8 a 11/12, já não é mais necessário o tão apreciado final feliz. A criança passa a se interessar pelo esforço pessoal, o empenho do herói para ultrapassar os obstáculos. Aqui se encaixam o romance de aventura, o relato histórico de povos distintos, etc.

A terceira e última fase é a do pensamento racional, que se dá a partir dos 11/12 anos até a adolescência. Nela, a criança vai preocupar-se consigo e com a relação que ela vai manter com os outros. Destaca-se nessa fase a literatura romântica.

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte" integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTELHEIM, 2002, p.12 – 13)

Como nota-se, o conto de fadas se adequa mais para as crianças, por deter características mais fantasiosas, mas os valores apresentados nessas histórias são de extrema importância para a formação tanto criativa como intelectual de um indivíduo, pois muitos dos contos de fadas passam valores essenciais para que se possa conviver em sociedade.

4 Um breve contexto acerca da mulher do século XVII até os dias atuais

Antes de tudo, para se entender as diferenças existentes entre a personagem de “Branca de Neve” no conto clássico dos Irmãos Grimm e “A salvadora do mundo” de Fernando Portela, é necessário entender o contexto no qual cada obra foi escrita. Ao longo dos séculos, essa história vem sendo adaptada ao contexto social e histórico de cada sociedade. Com isso, retornamos ao século XVII quando os Irmãos Grimm escrevem o conto de Branca de Neve para repassar valores da sociedade vigente da época. De acordo com Coelho:

[a moral transmitida nos contos de fadas clássicos] Expressa os esforços então desenvolvidos pela sociedade e pela Igreja para organizar a família dentro da ordem patriarcal, que acabou se impondo sobre a ordem matriarcal, que teria predominado no início dos tempos, entre vários povos, entre eles, os celtas. A importância desse ideal patriarcal (que acabou fundamentando a sociedade cristã-burguesa de que somos herdeiros) é comprovada pelas dezenas de adaptações ou dramatizações de Grisélidis [...] No século XVII, Charles Perrault resgatou-a da memória popular e tornou-a leitura de sucesso nos salões elegantes da corte francesa. (COELHO, 2003, p. 57)

Um dos valores mais presentes nas obras dos Grimm será a submissão da personagem feminina. O modelo ideal de mulher do século XVII era aquela que sabia administrar a casa, cuidar das roupas da família, entre todos os demais serviços que incluem o cuidado de uma casa. Essas eram características essenciais para o casamento, e que será retratada também no conto. Além disso, os casamentos eram escolhidos pelos pais e a moça apenas tinha o direito de contestar se quisesse fazer voto de castidade. Quando isso não acontecia, tinha que aceitar se casar de bom grado.

Desde crianças, as moças eram ensinadas a como cuidar de uma casa, para no futuro agradar o marido, e se ela não desempenha-se bem o seu papel como mulher poderia ser devolvida aos seus pais. Além disso, a mulher era considerada frágil, indefesa e necessitava de um marido para que ele a protegesse e desse estabilidade a ela. Sendo assim a submissão e a sujeição ao marido eram as virtudes ideais das mulheres do século XVII, muito difundidas pela igreja e pela sociedade.

Mas esse quadro muda um pouco com a eclosão da Revolução Francesa, que começa a trazer novos olhares sobre o limite entre o público e privado, e com o

decreto de 1973 que intitula a liberdade de vestuário, que claro não alegra a sociedade masculina, pois, além disso, as mulheres começam a ir à praça pública fazer discursos. Mesmo com essas mudanças as mulheres ainda eram submissas aos homens, pois desde cedo os homens eram considerados a figura central da sociedade.

Embora a Revolução Francesa tenha tido em mente reverter essa fronteira que existia entre o público e o privado, ao construir um novo modelo de sociedade remodelando o cotidiano através de uma nova visão de espaço, fracassou, pois a resistência da sociedade ao novo foi muito grande.

Essa condição perpassa séculos, ou seja, os homens ainda tem a autoridade privilegiada acerca da mulher e do lar. No século XIX, vê-se como a mulher ainda era inferior ao homem, pois a mesma não poderia usufruir de seus bens na comunidade, assim como o menor (a criança). Como se isso não fosse suficiente a mulher vai perdendo espaço até mesmo dentro da sua própria casa, no que diz respeito à educação dos filhos. Desse modo, à figura paterna passa a deter uma maior autoridade que lhe proporcionará intervir tanto no âmbito econômico como no pedagógico no que se refere aos filhos.

Embora ainda tenha-se esse pensamento as mulheres hoje em dia já possuem algumas diferenças das mulheres dos séculos anteriores, muitas possuem trabalho remunerado, têm direitos a opiniões perante a sociedade, ou seja, não vivem mais as margens do marido como uma pessoa frágil, conquistaram sua autonomia e são felizes assim, sem ter que depender do homem.

Esse modelo mais recente começa então a ser expresso no conto de fadas moderno, com a proposta de um novo olhar à personagem feminina.

5 Branca de Neve: duas leituras da personagem feminina

O conto de *Branca de Neve* é um dos contos mais famosos dos Irmãos Grimm, tanto que existem várias adaptações, tanto livrescas como cinematográficas, e claro cada uma adaptada ao seu tempo, repassando os valores vigentes a época em que se encontra. No conto aqui analisado, a Branca de Neve, retratada pelos Irmãos Grimm é a menina dócil, ingênua que mesmo ao sofrer com a perda dos pais acredita no final feliz e no amor verdadeiro, com seu príncipe encantado.

Essa personagem, cujas principais características são a fragilidade e a beleza, se perpetuou por sua pureza de sentimentos, e que, além de muito sofrer nas mãos de sua madrasta, só por ser mais bela, não sofreu qualquer transgressão de caráter. Em sua caminhada, encontrou amigos e o tão esperado príncipe encantado que veio salvá-la de todo mal. (RESINA, 2009, p. 158)

Nos contos tradicionais são atribuídos a determinados personagens virtudes e qualidades que devem servir de modelos a serem seguidos. Branca de Neve se encaixa perfeitamente nesse modelo, pois, seu perfil se encaixa no ideal preconizado pela igreja Cristã: uma menina pura, ingênua, além de ter uma beleza como nenhuma outra jamais teve características muito valorizadas pela sociedade medieval. Como nos afirma, Warner (1999, p.55): “Para a tradição cristã, as virtudes do silêncio, obediência e discrição eram especialmente, se não essencialmente, femininas”.

Os limites entre o público e privado eram muito demarcados, ou seja, o homem tinha a função de trabalhar para sustentar a família, e a autoridade diante de qualquer decisão que envolvesse os assuntos referentes à sua família, já as mulheres ficavam responsáveis pelos afazeres domésticos e pela criação dos filhos. Isso se apresenta através da figura de Branca de Neve, que se submeteu as ordens dos anões e prometeu sempre manter a casa limpa e arrumada. Como podemos ver no seguinte trecho “– Queres ficar conosco? Aqui não te faltará nada, só tens que cuidar da casa, fazer nossa comida, lavar e passar nossa roupa, coser, tecer nossas meias e manter tudo muito limpo e em ordem;” (GRIMM, p.10)

Outra característica presente na Branca de Neve é a sua submissão à madrasta, em nenhum momento ela enfrenta-a de maneira a causar algum conflito. Branca de Neve apenas foge em meio ao perigo iminente que sua vida corre, se

adentrando na floresta em busca de um lugar seguro e longe da sua madrasta, ou seja, ela não sente necessidade de lutar pelo que é seu de direito, pois acredita que um dia será feliz, sem ter que enfrentar seus medos. Isso nos mostra como os princípios daquela época se mostram tão presentes no conto.

As atitudes e escolhas feitas pela Branca mostram como elas influem no seu destino, ou seja, pra se ter um final feliz e um príncipe deveria primeiro passar por essas provações como meio para se chegar ao tão sonhado final feliz.

Além disso, Branca de Neve representa, a típica moça que para ter seu final feliz depende de um príncipe, uma figura masculina, que seria sua salvação para uma vida amena, sem preocupações, pois se acreditava que a única maneira de ser feliz era se fosse bem casada, já que as mulheres não eram consideradas capazes de se cuidarem sozinhas.

Branca de Neve, traída por sua madrasta, foi salva por homens - primeiro os anões e depois o príncipe. Esta criança, também, não se desesperou por causa do abandono da mãe, mas acreditou que o resgate viria dos homens. (BETTELHEIM, 2002, p. 17)

Esse ideal de que só seria feliz se encontrasse o amor verdadeiro prevaleceu durante muitos séculos, já que se vinha enraizado desde os primórdios, e só começou a mudar há pouco tempo. Quando começaram a surgir adaptações dessas histórias de forma a mostrar o outro lado a respeito da figura feminina.

Um exemplo disso é o texto “A salvadora do mundo”, de Fernando Portela, que também faz parte dessa análise. O texto segue os padrões dos contos de fadas antigos, mas com um características contemporâneas, nesta história o príncipe já passa a ter um nome, o que no tradicional não tem. Além disso, a Branca de Neve aqui retratada ganha características que a fazem sair do modelo tradicional para se encaixar no papel de uma heroína.

Era alta, tinha um corpo de curvas exatas, a postura ereta, e um rosto de linhas suaves, com uma expressão serena. Mas o que a diferenciava das poucas moças da sua idade que conseguiam levar uma vida quase saudável, era a tonalidade da pele. Num mundo de gente branca, que não apanhava sol jamais, ela era a mais branca de todas, de uma brancura nunca vista, realçada pela rosa tênue das maçãs do rosto, e pelos lábios naturalmente vermelhos. Mas, sobretudo, pelos cabelos finos e supernegros. (PORTELA, 1999, p.51)

Embora ela sofra com a perda do pai, aceita a morte de forma normal, conformada que isso pode acontecer a qualquer pessoa. Já que o seu pai corria esse risco para que ela pudesse ter uma vida boa.

Quando chegou a notícia de que Beto Rei estava morto, Branca de Neve nem chorou. Esperava por isso há muito tempo, desde que completara dez anos e compreendia melhor os riscos que o pai corria para dar luxo e riqueza à família, antes da Grande Viagem que deveria acontecer nos próximos meses, se tudo desse certo. (PORTELA, 1999, p.50)

Diferentemente da Branca de Neve dos Irmãos Grimm, aqui vemos uma Branca de Neve que pensa na sua vida e seu futuro, e que sabe que a vida que tem não durará muito, por conta da sua madrasta a qual ela está disposta a enfrentar. Ela não é submissa as ordens que recebia, nem ingênua que vê a bondade em todos. Essa versão da Branca de Neve consegue distinguir o bem do mal. Como podemos ver no seguinte trecho:

“ – A partir de agora – falou a Rainha, devagar – você está encarregada de limpar os salões do palácio. E as escadarias...
- O... o quê? Olhe, sua... eu sou a filha do Rei! Você está brincando comigo...” (PORTELA, 1999. p.56)

Além disso, ela não necessita se casar para ser feliz; ela apresenta sonhos que busca realizar antes de se casar e demonstra que não é preciso ter um marido para ser feliz: “Eu não quero casar agora, meu pai, eu prefiro antes viajar, conhecer outros mundos...” (PORTELA, 1999, p. 54). Aqui o ideal do amor verdadeiro como salvação para uma vida tranquila deixa de existir, mostrando assim que a mulher pode ser feliz independentemente de ser casada ou não.

Vemos essas características nas mulheres atuais, que antes de qualquer coisa sonham em conquistar seu espaço em meio à sociedade modernizada. Tornaram-se independentes, e embora ainda fique o requisito de que, para ser uma boa esposa tem que saber cozinhar e viver só para os serviços de casa, a mulher desempenha em muitos casos, os serviços do lar e os serviços em meio à sociedade.

Como no conto clássico, a beleza de Branca de Neve a ajuda a se salvar da morte iminente. O que nos leva a ver que a beleza é bastante valorizada ainda nos dias atuais:

Não, a alma perdida do assassino fora atingida pela beleza santificada da mocinha. A cada sorriso de Branca de Neve, e a cada palavra que lhe saía dos lábios, o gigante experimentava um sentimento novo e perturbador para ele: a compaixão. (PORTELA, 1999, p. 60)

Além disso, nesta versão, a Branca de Neve não fugirá em meio ao problema que vive o seu povo, e tentará achar uma maneira de reverter à situação que os acomete, pedindo ajuda ao seu príncipe, mas a iniciativa de mudar a situação parte dela. Ou seja, ela toma suas próprias decisões além de mostrar que em meio aos problemas é preciso encontrar uma resolução.

O conto de Branca de Neve sofreu muitas modificações no decorrer do tempo, mas embora isso tenha ocorrido, ainda vemos que a beleza conta como ponto fundamental para a sociedade, já que é bastante valorizada nos contos.

As características de ingenuidade, bondade, submissão que vemos na Branca de Neve dos Irmãos Grimm, já não se fazem mais presente nesta versão de Fernando Portela. Pelo contrario, vemos agora uma Branca de Neve preocupada com o seu povo e uma mulher que tem seus próprios ideais acerca da vida. Logo, vemos que os contos se adaptam cada um a época na qual foi escrito, repassando seus valores.

6 Considerações finais

Como se sabe, o ato de contar histórias se dá desde os tempos antigos, com os mais variados propósitos, sejam eles enquanto forma de ensinar normas comportamentais para a vida em sociedade, ou como forma de disseminar os valores morais de uma determinada cultura, mesmo que aos olhos das crianças apenas sejam uma forma de diversão e não nada, além disso.

Ao decorrer do tempo essas histórias sofrem adaptações, tanto no cinema como na escrita. Essas mudanças que ocorrem tanto nas histórias como nos personagens mostram como os contos de fadas são adaptados à sociedade no qual estão inseridos, a forma como cada personagem é exposto nas obras analisadas aqui, mostra bem isso, essas novas mudanças surgem da necessidade de preencher lacunas deixadas nas obras tradicionais e para atender ao novo público que necessita de coisas novas que representem o meio em qual vivem.

A Branca de Neve aqui analisada dos Irmãos Grimm em relação com a Branca de Neve de Fernando Portela mostra características bastante diferentes. Vemos características, próprias a época medieval, no qual as mulheres tinham que ser boas donas de casa, além de conter beleza, e acima de tudo ser submissa ao marido. Logo a mulher passa de submissa, e a espera do amor ideal, a uma mulher forte, guerreira, que vai a luta em busca da sua felicidade, é essa mulher que é retratada no texto de Portela.

Sendo assim, as duas Brancas aqui analisadas representam a trajetória que a mulher percorreu desde os tempos antigos até os dias atuais, mostrando a sua mudança quanto à personalidade, sentimentos, e sobre tudo o papel que desempenha na sociedade. Em meio a essas mudanças as funções dos contos ainda permanecem a mesma, ou seja, a construção do imaginário de quem ler. E embora a Branca de Neve de Portela possua características meigas, ocorre um encaixe entre essa meiguice com a personalidade de uma mulher forte, que em vez de esperar pelo seu final feliz ela mesmo vai em busca dele.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Contos de fadas: mitos, símbolos e arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 18. ed. 1999.

GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. **Contos de Fadas: Trabalhando com os gêneros do discurso narrar**. São Paulo: FTD, 2001.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do Conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PERROT, Michelle. Os atores. In:____. **História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ANEXO



Branca de Neve e os sete anões

É dos irmãos Grimm a versão mais comum dessa história, em que o mal (a madrasta) e o bem (Branca de Neve) estão tão bem-apresentados. O enredo é este:

Um bondoso rei tem uma linda filha, Branca de Neve. Casa-se em segundas núpcias com mulher cruel, que é na verdade uma feiticeira. Ele falece. A rainha não gosta de Branca de Neve, mas a tolera, pelo menos até a idade de quinze anos, e sua beleza traz profunda inveja à madrasta. Esta manda que um caçador leve a garota à floresta e a mate. O caçador tem dó de Branca, deixa-a na floresta. Ela anda pela mata, assustada. De manhã, topa com uma casinha muito curiosa, em que os objetos são pequenos. É a casa dos sete anões. Eles ficam indignados com a maldade da rainha, e deixam Branca ficar com eles. Nesse meio tempo, a malvada descobre que a garota ainda está viva. Prepara uma maçã envenenada e, disfarçada de velha, vai à casa dos anões. Dá a maçã a Branca

e a vê tombar, morta. Aparece o príncipe, que persegue e mata a rainha. Infelizmente, parece que chegou tarde. Quando todos velam a princesinha, um dos anões, sem querer, derruba o corpo de Branca. Ela estava apenas engasgada com a maçã, não a havia digerido. Expelindo a maçã, volta à vida e casa-se com o príncipe. Claro: para "viverem felizes para sempre"...

É impossível falar de Branca de Neve e não lembrar de imediato o filme de Walt Disney, *Branca de Neve e os sete anões*, de 1937. Foi um marco: o primeiro longa-metragem de animação do mundo; em seu processo de produção, foi desenhado e redesenhado integralmente cinco vezes; teve modelos humanos como base dos esboços; ganhou um Oscar; atingiu bilheterias fantásticas. A música dos anõezinhos ("Eu vou / eu vou / pra casa agora eu vou") é conhecida até hoje.

Em *Sete faces do conto de fadas*, Fernando Portela traz uma versão futurista e brasileira da história de Branca de Neve, no conto "A salvadora do mundo".



lit. Infância Juvenil
Prófa Rosângela

KURSTAS, Marcia et. all. *Sete faces do conto de fadas*. São Paulo: Moderna, 1999.

A salvadora do mundo

Fernando Portela

Quando chegou a notícia de que Beto Rei estava morto, Branca de Neve nem chorou. Esperava por isso há muito tempo, desde que completara dez anos e compreendia melhor os riscos que o pai corria para dar luxo e riqueza à família, antes da Grande Viagem que deveria acontecer nos próximos meses, se tudo desse certo.

Luxo e riqueza eram raridades naquele Brasil do ano 2062, assim como no resto do mundo, mesmo nas regiões onde, antigamente, existiam os países ricos, como os Estados Unidos, a Alemanha, a Itália, a França...

O Brasil, aliás, não era mais o Brasil. Não havia divisões regionais, organização social e política, nada. O caos e a anarquia haviam se instalado em definitivo, como em todo o Planeta Terra.

É que o mundo descobrira, por volta do ano 2000, que a camada de ozônio que o protegia, lá no céu, estava irreme-



A salvadora do mundo

diavelmente destruída por causa da poluição provocada pelo próprio homem, desde a Revolução Industrial, no final do século XVIII; os raios ultravioleta do Sol começaram a provocar o câncer e outras doenças irreversíveis e a matar milhões de pessoas. Era o fim da organização e das leis.

Nos lugares mais pobres, e mais ensolarados, onde as pessoas, por ignorância, se expuseram com maior frequência aos raios solares, saindo às ruas durante o dia, a tragédia atingiu proporções absurdas. Cidades inteiras desapareceram. Quem escapava das doenças, morria de fome, já que os raios assassinos, sem o filtro do ozônio, destruíam também as lavouras mais sensíveis.

Com dezesseis anos de idade, Branca de Neve chamava a atenção de todos os que a viam no palácio, como se chamava a cidadela de dezenas de construções, cercada de muros medievais; a mocinha deixava os visitantes, sobretudo eles, deslumbrados com sua beleza inédita.

Era alta, tinha um corpo de curvas exatas, a postura ereta, e um rosto de linhas suaves, com uma expressão serena. Mas o que a diferenciava das poucas moças da sua idade que conseguiam levar uma vida quase saudável, era a tonalidade da pele. Num mundo de gente branca, que não apanhava sol jamais, ela era a mais branca de todas, de uma brancura nunca vista, realçada pelo rosa tênue das maçãs do rosto, e pelos lábios naturalmente vermelhos. Mas, sobretudo, pelos cabelos finos e supernegros. Todos a chamavam de Branca de Neve. Não poderia haver um apelido mais adequado.

Apesar da proteção do pai poderoso que tudo lhe dava, de professores particulares e roupas e jóias, Branca de Neve não era inteiramente feliz. Ela sofria muito com a tragédia do seu planeta, e da sua própria família. Mas, de qualquer forma, tentava se conformar com aquele mundo e tinha esperanças no futuro, depois que realizasse a Grande Viagem.

Tragédia: Zefa Rainha, sua mãe, enlouquecera anos atrás, e fugira do palácio em pleno dia. Ou seja, suicidara-se. Uma equipe de voluntários, usando roupas especiais, que mal garantiam a

defesa contra os raios ultravioleta, conseguiu alcançá-la, horas depois, mas já era tarde. Zefa resistiu uma semana e morreu com o corpo em carne viva, falando coisas sem sentido.

Além do Sol fatal, da desorganização e da fome, muitas pessoas enlouqueciam pelo fato de viverem presas dentro das casas, esconderijos ou cavernas, dormindo de dia mas sem conseguir sair após o pôr-do-sol, porque nas ruas vigorava a lei do cão. Um salve-se-quem-puder.

Eram noites de inferno. Bandos de delinquentes assaltavam os cidadãos e lhes roubavam até as roupas, porque tudo se transformava em dinheiro para comprar comida. Beto Rei, quando decidia andar pelas ruas em noites claras de lua cheia, levando a filha querida e contando-lhe as histórias do passado, era obrigado a movimentar um exército de guarda-costas para acompanhá-los.

Todo cuidado era pouco. O Rei possuía milhares de inimigos; governava com mão-de-ferro, destruindo mesmo quem lhe ameaçasse os armazéns de estocagem de grãos, os frigoríficos e outros depósitos de alimentos que constituíam sua riqueza e poder — o reino era uma grande extensão de terras onde antes existia boa parte da cidade de São Paulo, a maior do Brasil, no século passado.

— Quando criança, ouvi muitas histórias da cidade de São Paulo que o seu bisavô contava — dizia Beto à filha. — Era um tempo feliz, mesmo para os pobres, pois de uma maneira ou de outra havia comida e onde dormir...

— Não consigo imaginar um lugar assim, pai — falava Branca de Neve. — Andar pelas ruas de dia, viajar, ver esse mar de que o senhor fala tanto... Que pena que eu não tenha nascido naquele tempo!

•••

A viuvez de Beto Rei durou somente alguns meses, para surpresa da Princesinha. Ele se casou de novo com uma mulher muito bonita e muito estranha, séria, sempre vestida de negro, que trouxe para o palácio dezenas de assessores e damas de companhia.

Antes de conhecer Beto Rei, a mulher — que preferia não declinar o próprio nome, pedindo que a chamassem apenas de Rainha — trabalhava como vidente, quiromante, paranormal, leitora de bola de cristal, valendo-se de tudo, enfim, para prever (e incrementar) o futuro dos ricos.

A Rainha freqüentava o ciclo restrito dos ricos, como Beto, o maior deles, e todos lhe prestavam reverência. Com os poderes que possuía, não foi surpresa para ninguém que ela se casasse justamente com o melhor partido da Corte.

Antes do casamento, Beto Rei chamou Branca de Neve e justificou a decisão de casar-se: a proximidade da Grande Viagem. Disse-lhe que já comprara três passagens no único ônibus espacial que restara na Terra. O destino era Esperança, uma estação orbital organizada, próxima a Marte, onde um núcleo de terráqueos muito ricos e cultos havia se instalado a partir de 2025.

O problema não era apenas o preço da passagem — uma verdadeira fortuna —, mas a organização rígida do núcleo. A cidade espacial só admitia receber novos habitantes quando um dos seus morria, ou viajava para sempre nas missões de construção de novas estações experimentais ou na procura de planetas novos.

O ônibus espacial fazia duas viagens ao ano, e partia de um lugar onde, antigamente, havia a cidade de Cabo Canaveral, no Estado da Flórida, nos velhos Estados Unidos. Era de lá que saíam os foguetes espaciais do passado, quando havia vida normal na Terra. A próxima viagem até Esperança seria daí a três meses. Beto Rei andava nervoso. Para ele, apesar de todo o seu poder, não era fácil a perspectiva de recomeçar a vida num lugar civilizado que a Terra quase havia sido, um dia.

Mas agora ele estava morto.

A Guarda Fiel, um grupo de vinte amigos íntimos e defensores do Rei, desaparecera, quase toda, no atentado que o matou.

Uma bomba potentíssima.

Horas antes de morrer, Beto Rei parecia muito feliz, e conversara com Branca de Neve sobre o futuro.

— Você sabe, querida, que dois dos filhos do Rei do Paraná irão conosco para a Estação Espacial Esperança?

— Ah... é mesmo? — gaguejou a Princesinha. — Por que é que você está me contando isso, papai?

O Rei se divertiu. Sorriu, acariciando a filha.

— Ora, querida, porque... Por que seria, hem?

A Princesinha conhecia o Reino do Paraná e sua família real através de um vídeo que o pai trouxera de lá, numa de suas viagens ao reino vizinho. Os dois monarcas eram amigos e sócios em algumas plantações ao longo da estrada que ligava os dois reinos. O Príncipe mais jovem, Sérgio Murilo, era um rapaz esbelto e simpático, de rosto sempre iluminado por um sorriso; deveria ter uns três anos a mais do que Branca de Neve. Sua imagem impressionara muito a Princesinha, e ela sonhou com a possibilidade de namorá-lo, um dia.

— Você sabe, minha querida — continuou o Rei —, que o meu sonho é casar você com um dos príncipes do Paraná, aqui na Terra ou na Estação Esperança. Aí poderemos conquistar um outro mundo, um outro planeta, onde você vai criar seus filhos, e eu brincar feliz com os meus netos...

Branca de Neve, com o coração batendo, fingia não estar interessada na conversa.

— Eu não quero casar agora, meu pai, eu prefiro antes viajar, conhecer outros mundos... Mas, me diga: todos os filhos do Rei do Paraná viajarão conosco?

— Fique tranqüila, querida, que o Sérgio Murilo vai... Ele e a irmã. O mais velho ficará com o pai e a mãe, esperando vaga para uma próxima viagem.

— Ah, papai... eu não estou interessada em Sérgio Murilo... — Branca de Neve desmentiu o próprio apelido: todo o seu rosto se avermelhou.

— A Grande Viagem... a Grande Viagem... Está chegando o momento, afinal... — suspirou o Rei, mudando de assunto para não constranger a filha. — Eu, você e sua mãe... Quem sabe, a gente não descobre, lá no espaço, uma forma de recuperar a camada de ozônio, para que a boa Terra volte a ser um jardim?

— Pai, eu te amo — disse a Princesinha, beijando-lhe o rosto —, mas não diga que a sua mulher é minha mãe... Ela é minha madrasta.

— Eu sempre esqueço, filha, de que você não gosta da Rainha...

— Desculpe, pai, mas é a Rainha que não gosta de mim...

•••

Uma bomba.

O soberano visitava suas plantações nos imensos armazéns cobertos quando tudo voou pelos ares. Os cinco homens que sobraram da Guarda Fiel consolaram Branca de Neve dizendo que o Rei sequer havia percebido a morte iminente, tal a violência da explosão.

Ela sentiu um vazio no corpo, e a sua alma ficou gelada, mas não chorou. Esperava por isso. Intuíra, já fazia algum tempo, que o Rei jamais embarcaria num ônibus espacial para fugir da Terra. Ele amava o planeta, e se negava a vê-lo como um inferno. Vivia dizendo que a ciência não descobrira tudo sobre a camada de ozônio; que, e quando menos se esperasse, ela poderia se recompor, até espontaneamente, e tudo voltaria a ser como no tempo dos bisavós.

Mas Branca de Neve intuíra também que, depois da morte do pai, a sua vida se transformaria num pesadelo. E sabia exatamente de onde viriam os seus problemas.

— Estamos pobres... — disse-lhe a madrasta, logo depois do enterro do Rei, uma cerimônia impressionante, à meia-noite em ponto, na capela do palácio. Lá estavam o Rei do Paraná, o Rei do Pantanal, o Príncipe da Terra do Fogo e a Rainha do Rio de Janeiro. Todos muito comovidos e revoltados com a morte do Rei de São Paulo. O Rei do Paraná chegou a jurar vingança.

— Mas não estamos pobres, não... — ponderou Branca de Neve, com muita calma, àquela mulher esquisita. — Os sobreviventes da Guarda Fiel me garantiram que papai deixou muito dinheiro, uma grande herança, para todos nós.

— Os sobreviventes da Guarda Fiel talvez não sejam mais sobreviventes, penso eu... — disse a Rainha rindo.

— Como? Eles... Onde estão eles?

— Eles sumiram, mocinha. Fugiram... não sei. Talvez tenham levado com eles toda essa... herança de que você está falando. Aliás, nós temos bastante dinheiro, sim, mas ele é suficiente apenas para sustentar toda essa gente que mora no palácio, esses empregados, e cuidar dos negócios, das plantações... Estamos, nós mesmas, muito pobres...

— Não! Não! — protestou a Princesinha. — Meu pai não ia me deixar pobre assim... Você está mentindo! Porque você me odeia! Quando você olha para mim, eu sinto o quanto você me odeia...

A Rainha não reagiu imediatamente. Mas lá estava o ódio (e a inveja) brilhando nos seus belos olhos amendoados, e no desenho da boca de lábios finos. Mulher bonita. Linda. Sensual. Ninguém poderia negar.

— A partir de agora — falou a Rainha, devagar — você está encarregada de limpar os salões do palácio. E as escadarias...

— O... o quê? Olhe, sua... eu sou a filha do Rei! Você está brincando comigo...

— Bem, menina, você pode, também, seguir o seu caminho. Abro os portões do palácio na hora que você quiser...

— Mas eu vou morrer, se sair do palácio... Você sabe disso... Você quer... me matar? Quer fazer comigo o que fez com os amigos do meu pai?

— Você sempre foi uma menina mimada. Agora vai aprender o que é a vida. Vai se juntar às faxineiras, pegar o balde e o pano de chão. E não se queixe da sorte, pois a deixarei usar seus aposentos...

Branca de Neve ouviu um ruído estranho vindo da entrada do salão. Estremeceu ao descobrir que, sobre o portal de madeira, dois urubus crocitavam, olhando para ela. As aves levantaram vôo, e se dirigiram à moça, ameaçadoras. Branca de Neve sentiu, com nojo, que os pés dos bichos, de unhas afiadas, lhe roçaram o cabelo. O ruído das asas batendo e o som que saía daquelas gargantas eram aterrorizantes. A

Princesinha perdeu o equilíbrio, caiu no chão, mas logo se levantou. Os urubus voltaram ao portal.

— Eles são mansos... — disse a Rainha. — Mas são meus amigos. Só ficam perigosos quando alguém me ameaça.

Branca de Neve percebeu um sorriso zombeteiro armando-se nos lábios finos da madrasta.

•••

Depois dessa cena, durante algumas horas, Branca de Neve ainda procurou pelos quatro sobreviventes da Guarda Fiel, e também por Eugênia, a copeira; Angélica, a massagista; e Helena, a cozinheira, pessoas com quem convivia desde a infância.

Não encontrou ninguém. Nos seus lugares, havia gente de confiança da Rainha trabalhando silenciosa, sem responder a perguntas.

“Mas... o que ela fez com todos eles? Como foram despedidos? Será que foram expulsos do palácio? Mandados para o sol?”

Estava deitada na cama, chorando, quando a Rainha abriu a porta do quarto. Aquele sorriso frio formava-se nos seus lábios.

— Você não vai encontrar ninguém, Branca de Neve. Você está sozinha no palácio.

A moça não conseguiu se mexer. A madrasta sabia de todos os seus passos. Era mesmo uma bruxa. Deveria estar usando a bola de cristal. A Princesinha estava entregue. No dia seguinte, a nova governanta bateu na porta do seu quarto e lhe entregou o material de limpeza.

— Hoje, você vai cuidar das escadarias e do salão de tevê.

Só disse isso. Branca de Neve obedeceu. E uma semana logo se passou. E um mês. Um ano.

Com o tempo, foi acontecendo uma espécie de milagre no novo dia-a-dia do palácio. Quanto mais trabalhava, lustrando corrimões, lavando escadarias, limpando banheiros, Branca de Neve ia-se tornando mais bela, cada vez mais bela. A governanta, por ordem da Rainha, não lhe dava roupas adequadas, a moça já andava coberta de trapos. E, no entanto, linda. Cada vez mais linda.

Uma energia brilhante, rarefeita, parecia envolver a alvura da sua pele. Os cílios cresceram, tornando o seu olhar profundo. Ela ficou mais alta e mais magra, adquirindo um corpo de bailarina. Não chorava nem se lamentava. Apenas cantava canções antigas, pensando no Rei e na verdadeira Rainha, sua mãe, nos tempos em que estiveram todos juntos. Mas pensava também no filho do Rei do Paraná.

Nos raros momentos em que não limpava o palácio, Branca de Neve saía pelos jardins cobertos, à noite, cantando e conversando com os pássaros dos grandes viveiros. Nem a madrasta entendia aquele conformismo. A moça deveria se revoltar, chorar, se queixar, odiar a tudo e todos. O que se passava na sua mente?

Mas as lembranças do passado (tão curto e tão recente) eram suficientes para mantê-la viva e esperançosa. Porque a Princesinha desenvolveu, também, uma certeza íntima: a de que aquele sofrimento não duraria a vida inteira.

Num domingo, pensava exatamente nisso, debruçada numa janela do palácio, olhando os bosques artificiais iluminados de néon, quando uma figura conhecida surgiu lá embaixo: Sérgio Murilo.

Seu coração disparou, e o Príncipe ficou confuso. Quem poderia ser aquela faxineira tão linda, de uma beleza tão rara que ninguém conseguia notar os trapos que vestia?

“A Princesinha filha do Rei de São Paulo” — pensou Sérgio Murilo — “bem que poderia ser como essa empregadinha... Mas a Princesinha — coitada — havia fugido do palácio há uma semana, segundo revelara sua madrasta. Um suicídio, um gesto de loucura, igual ao da Zefa Rainha, sua mãe.” Sérgio Murilo estava ali para uma visita de cortesia, porque seu pai lhe pedira. Mas, no fundo, queria mesmo era conhecer a filha do Rei de São Paulo.

— Ei, você, moça da sacada! — ele gritou. — Você é a mulher mais linda que eu já vi!

Disse, e se arrependeu. Um príncipe não se dirige assim a empregados. Branca de Neve, assustada e feliz ao mesmo tempo, deu as costas e sumiu pelos salões.

— Ei, volte aqui! Sabe? Você é linda, linda, linda...! A mais bonita do mundo! — mais uma vez ele não conseguiu se controlar.

Numa janela próxima, a madrasta ouviu tudo. Tirou sangue do lábio, mordendo-o com força, de raiva. Correu até sua imensa suíte onde, no lugar das paredes e do próprio teto, havia grandes espelhos.

Todos os dias ela passava horas a se contemplar, e a se amar, sob todos os ângulos, às vezes vestida, às vezes completamente nua, perguntando em voz alta:

*“Quem é a mais bonita?
Quem é a mais bonita,
espelhos meus?”*

Uma voz em eco, como se todos os espelhos gritassem em coro, vinha do fundo da sua consciência, respondendo:

“É você, Rainha! É você!”

Mas, naquele dia, a voz interior mudara até de tom, e com um jeito zombeteiro frisou cada palavra:

*“Você é bela, Rainha...
Mas, a mais linda de todas
é... Branca de Neve!”*

•••

Naquele mesmo dia, a madrasta tomou duas providências.

Primeiro, mandou prender “um intruso que se metera nos seus jardins”. E Sérgio Murilo acabou num calabouço. O Rei do Paraná não se conformou com o sumiço do filho, aparentemente ocorrido dentro do palácio de São Paulo, mas a Rainha conseguiu convencê-lo de que o rapaz saíra para a rua sem avisar o batalhão de guarda-costas.

Depois, ela chamou um dos seus seguranças mais fiéis, conhecido como Olho Rútulo. Era um halterofilista de mais de metros de altura. Tinha jeito bonachão e o sorriso de criança, mas era capaz de esmagar um crânio com as duas mãos.

- Tenho uma missão para você, Olho.
- O que quiser, senhora.
- Sabe a... mocinha? A mocinha que limpa as escadarias?
- A filha de Beto Rei? Sei, sim senhora.
- Pois quero que você acabe com essa moça.
- A senhora tem alguma preferência pelo método que devo usar?
- Qualquer um. Mas que seja longe daqui.
- Na rua. Com o maior prazer.
- Que seja esta noite...
- Esta noite.

Olho Rútilo, que Branca de Neve não conhecia, se apresentou à Princesinha como um dos antigos seguranças do rei morto. O gigante lhe contou uma história: ouvira dizer que a Rainha madrasta decidira matá-la durante aquela noite. O motivo, não podia imaginar. A herança, talvez. Olho Rútilo poderia simplesmente seqüestrar Branca de Neve. Mas era sádico, e a farsa o divertia.

— E... o que posso fazer? — Branca de Neve se desesperou.

— Alguma coisa eu posso fazer, princesa... Posso levar a senhora para um lugar seguro, lá fora...

— Mas, lá fora? Ninguém sobrevive lá fora...

— Todos sobrevivem lá fora, se tiverem a proteção adequada — disse Olho Rútilo. — Nossos antigos amigos, empregados do falecido Rei, conhecem alguns bons esconderijos...

Branca de Neve não tinha opção. Aceitou seguir o gigante. E, à medida que foi convivendo com ele, esgueirando-se pelas sombras noturnas do palácio, à procura de uma saída, sentiu que alguma coisa acontecia a Olho Rútilo. Estava nervoso, agitado, coçava a cabeça o tempo todo, não ouvia o que ela falava. Medo?

Não, a alma perdida do assassino fora atingida pela beleza santificada da mocinha. A cada sorriso de Branca de Neve, e a cada palavra que lhe saía dos lábios, o gigante experimentava um sentimento novo e perturbador para ele: a compaixão. Quando saiu às ruas, protegendo-a com sua pistola *laser*,

já decidira que não iria matá-la. Apenas a deixaria num esconderijo qualquer, ou num prédio abandonado. Ela sobreviveria por pouco tempo, perdida naquele mundo. Mas ele não teria coragem de fazer o serviço.

O gigante invadiu uma antiga mansão, cercada de um mato muito alto. As portas rangiam, não havia móveis, o abandono era total.

— Só posso lhe deixar aqui, Princesa...

— Mas aqui não há ninguém... Você vai me deixar sozinha?

— Os amigos do Rei surgirão a qualquer momento... — mentiu Olho Rútilo.

— Eu sei que não... Você está me enganando... Por que não me mata de uma vez?

— Porque não tenho coragem... — respondeu o gigante, suando frio, e saindo com pressa.

No caminho de volta, atacou o primeiro homem que achou na rua, um caçador de ratos, rasgando-lhe o peito e arrancando-lhe o coração. A prova que iria apresentar à Rainha, dizendo que aquele era o coração de Branca de Neve.

•••

Branca de Neve decidiu esperar a morte, dentro da casa abandonada. Ela tinha certeza de que, se pusesse o pé na rua, seria morta em poucos minutos ou transformada na escrava branca de algum bandido. Depois, o Sol iria aparecer dentro de algumas horas, e todos os habitantes do reino — até os delinquentes — teriam de se proteger dos raios ultravioleta. Assim, ficaria por ali, até que acontecesse alguma coisa.

A noite não era de escuridão total. Uma meia-lua clareava os jardins abandonados da mansão, e Branca de Neve resolveu dar uma olhada numas construções atrás do prédio principal — que teriam sido dependências de empregados, com certeza.

Andou com muito cuidado, imaginando que no mato alto que cobria os jardins existissem cobras e ratazanas. Chegou ao primeiro apartamento, experimentou a porta, que se abriu com um rangido — o mato invadia a sala grande e os quartos, e ela sentiu camundongos correndo sob seus pés. Foi tomada

por uma sensação de nojo total e por muito pouco não vomitou. Forçou a porta do segundo prédio: fechada. Como, se a construção estava abandonada?

Caminhou até a janela lateral. Fechada também. Com um pedaço de madeira, que encontrou no chão, conseguiu levantar, por um buraco no vidro da janela, o ferrolho que a trancava. O coração disparava, mas ela resolveu entrar, tateando. Tocou num objeto que seria uma lâmparina. Era. E num outro, com certeza uma caixa de fósforos. Fechou de novo a janela, acendeu o fogo, e não acreditou no que estava vendo: uma sala em miniatura, com móveis e objetos em miniatura. Entrou num dos quartos: camas e guarda-roupas também em miniatura.

Não era exatamente uma casa de bonecas, porque os habitantes daquele estranho lugar deveriam ter um metro e vinte a um metro e trinta de altura. Que tipo de gente seria?

Branca de Neve foi até a cozinha do apartamento e descobriu loucinha e panelinhas sujas. Não soube por que, decidiu lavá-las. Depois fez uma faxina nos dois quartos e na sala. De repente, um cansaço incrível tomou seu corpo. Juntou quatro das caminhas de miniatura, ajeitou as minicolchas como travesseiro e deitou-se.

Dormiu imediatamente.

•••

Acordou com alguma coisa fria na têmpora direita. Abriu os olhos. Descobriu que aquele frio vinha do cano de uma pistola. Ficou imóvel. O pequeno ser que lhe apontava a arma tinha o corpo deformado pelo nanismo, com uma cabeça imensa e os membros curtos. Os outros seis que se espalhavam pelo quarto eram muito parecidos com ele. Mas este — o da pistola — parecia especialmente mal-humorado.

— Bom dia. Você está zangado? — perguntou a moça, com tanta ingenuidade que a tensão dos homenzinhos acabou na hora.

— Quem é você? — o anão afastou a pistola da cabeça da moça.

— Vou lhes dizer a verdade — disse Branca de Neve, ajeitando-se e sentando-se na cama improvisada — mas não sei se vocês vão acreditar...

E contou tudo.

O anão relaxara, mas seu rosto permaneceu com a expressão raivosa de antes. Branca de Neve decidiu chamá-lo, intimamente, de Zangado.

— Que é que vocês acham? — perguntou o homenzinho aos companheiros, guardando a pistola.

— A história é tão absurda que eu acho que ela está falando a verdade... — disse um anão de barbas brancas, que parecia o mais velho de todos. Os outros balançaram a cabeça, aprovando.

— Tudo bem, Mestre — falou Zangado —, mas de qualquer forma estamos com um problemão por aqui... O que vamos fazer com ela?

— Eu... eu posso cuidar de vocês, quer dizer, lavar a roupa, cuidar da casa... — disse Branca de Neve com medo da resposta à pergunta do anãozinho mal-humorado.

— E você, o que faria com a moça? — devolveu Mestre. Zangado virou-se para Branca de Neve e a encarou.

— Bem — continuou ele, depois de uma pausa —, vocês sabem o que eu penso dos bandidos ricos, e sobretudo do tal de Beto Rei, mas esse já se foi para a melhor... É verdade que a mocinha parece ser, apenas, uma menina mimada, uma filhinha da burguesia expulsa de casa por alguém pior do que o pai dela... Beto Rei não poderia sequer ser chamado de capitalista selvagem... Era um saqueador, uma espécie de pirata...

— Meu pai não era bandido! Meu pai dava, e ainda dá, muitos empregos! — protestou Branca de Neve, com lágrimas nos olhos.

Levantou-se da cama. De pé, tornou-se quase ameaçadora diante dos anões. Mas ela já sentia uma certa cumplicidade nas expressões dos que estavam quietos: o menor de todos, e o mais jovem, um rapaz simpático; um outro, que parecia alérgico, já havia espirrado três vezes; um que estava sempre

sorrindo; mais um, com cara de sono; e o último dos sete, com um jeito de quem só precisava de carinho, muito carinho. Foi este, aliás, que reagiu melhor — com uma expressão de felicidade — à oferta da moça de cuidar deles e da casa.

— Não quero agredi-la, mocinha — disse Mestre com reverência e sabedoria na voz —, mas todos os reis, os ricos e os poderosos deste nosso mundo miserável só podem ser bandidos, no sentido de que construíram suas fortunas sobre a desgraça alheia, a morte e a dor dos outros. Não há outra forma de fazer fortuna numa terra sem lei como a nossa...

Branca de Neve estava chocada, mas preferiu o silêncio. Não importava o que eles pudessem pensar de Beto Rei. Importante é que ela amava seu pai.

— Uma possibilidade é vendê-la no mercado de escravas brancas — propôs o Zangado, mas até Branca de Neve percebeu que ele próprio se arrependera de suas palavras.

— Sem comentários... — disse o anão com jeito carente, que Branca de Neve já tratava, no íntimo, de Dengoso.

— Querem que ela fique conosco? — insistiu o mal-humorado. — Olhem para o tamanho dela... Ela come!

— Nós sabemos dividir! — falaram, ao mesmo tempo, outros dois anões, que a moça identificou como Feliz e Soneca.

— Eu posso dar um pouco mais da minha cota... — disse o menor de todos, que ela passaria a chamar de Dunga.

— Então, eu posso ficar com vocês? — a moça se dirigiu a Zangado, diretamente.

— Pode, por enquanto... se realmente cuidar da casa enquanto nós saímos para buscar comida, tentando trabalhar honestamente, ao contrário do que sua família vem fazendo há muitas gerações... — disse o anão.

— Ela não tem culpa de ter nascido na família em que nasceu... — ponderou Mestre. — Está se vendo que é uma boa moça...

— Obrigada, senhor — disse Branca de Neve, de olhos baixos, ao anão de barbas brancas.

— Não ligue para ele — falou Mestre, apontando Zangado: — Ele não é mau assim... É tão sentimental como qualquer um de nós.

...

Os próximos tempos na companhia dos anões foram de total felicidade para a Princesinha.

Apesar de todo o horror que passou a sentir pelo que acontecia no Planeta Terra. Através dos relatos dos anões, ela ficou sabendo de todas as misérias do mundo. Era tudo muito pior do que imaginava.

Soube, por exemplo, que a Terra estava não apenas condenada por causa da destruição da camada de ozônio, mas também porque não havia mais famílias. Simplesmente, não havia bebês. Um grande número de mulheres se tornara estéril por causa das doenças provocadas pelos raios solares. E as saudáveis não queriam (e nem podiam) ter filhos. Como criá-los? E criá-los para quê? A Terra envelhecia. Somente nos palácios ou, como dizia Zangado, nas "mansões da burguesia criminosa" é que nascia uma ou outra criança.

Fora das cidadelas e fortalezas, as pessoas viviam em "famílias" de similares: anões, havia muitos, vítimas das alterações genéticas provocadas pelas irradiações ultravioleta, que moravam em pequenos bandos; assassinos se juntavam a outros assassinos; os mendigos e caçadores de ratos procuravam-se mutuamente; assim como os negros, os orientais, os homossexuais — as minorias, enfim.

No esconderijo dos sete anões, a simples presença de uma mulher jovem, e tão linda, transformara a mesmice do dia-a-dia. Era uma rotina que se limitava a trabalhos pesados, e muito perigosos, como o de conseguir madeira nas ruas e vendê-la para outros grupos. Todos precisavam, afinal, de um bom estoque de madeira para garantir o inverno, cada vez mais frio.

Os anões definiam o seu trabalho como um exercício de sobrevivência. Eles haviam mapeado a cidade, ou o que restara dela, e saíam no começo da noite atrás dos últimos bosques, ou das casas abandonadas, tentando conseguir pedaços

de móveis, restos de portas e janelas, qualquer coisa feita de madeira.

Para isso, procuravam evitar os territórios ocupados por grupos de delinquentes. Esses grupos reinavam durante pouco tempo sobre um território qualquer. Logo, um outro grupo mais forte os desalojava de lá, na guerra sem fim por espaço e poder. Os anões costumavam encontrar madeira nos poucos dias em que os territórios permaneciam abandonados. Sua pequena estatura os ajudava a entrar através de pequenos espaços, a rastejar sem que ninguém percebesse. Qualquer pedaço de madeira era uma vitória, e poderia valer uma vida. Havia, como eles, outros grupos que procuravam remédios; outros, especializados em achar mudas de plantas que pudessem ser cultivadas em ambientes fechados; e outros que descobriam e comercializavam água potável.

Os anõezinhos chegavam às quatro, quatro e meia da manhã, semimortos de cansaço, e encontravam tudo arrumado, a mesa posta com um caldo ralo mas quente.

Todos os dias, todas as vezes, eles se extasiavam com a organização, mas sobretudo com a beleza de Branca de Neve. Dormiam, logo após a refeição, e acordavam por volta do meio-dia. A tarde inteira, então, era de danças e jogos. Branca de Neve consertara um velho cedê e a música voltara à casa dos anões. Até Zangado já sorria para ela. Duas vezes.

— Tenha muito cuidado, menina, porque aquela bruxa pode tentar matá-la de novo... — disse-lhe, certa vez, Mestre, antes de sair para o trabalho.

— Eu terei cuidado, sim — falou Branca de Neve, beijando-lhe a careca.

•••

As vozes interiores sempre disseram à Rainha que Olho Rútulo mentira quando lhe trouxera aquele pedaço de carne sangrenta, segundo ele o coração de Branca de Neve.

Aos espelhos, que lhe falavam de dentro da alma, ela continuava a perguntar, e eles a responder:

*“A mais linda
é Branca de Neve...
é Branca de Neve...”*

Na bola de cristal ela via a moça cada vez mais linda, e agora vestida com outras roupas, pobres mas elegantes. Estava rodeada, sempre, de pequenos duendes que a protegiam.

“Ela é também uma bruxa, mas vamos ver quem entende mais de feitiço...”, a Rainha se dizia, consumida pelo ódio, mordendo o lábio. Chamou Adamastor, um outro segurança fiel, e lhe falou da traição de Olho Rútulo.

— Posso matá-lo agora, senhora.

— Não, primeiro o torture, arranque dele a informação de onde deixou a Branca de Neve... Depois, bem... depois é comigo.

Ela estava convencida de que não adiantava delegar o assassinato da Princesinha. Branca de Neve usaria, sempre, a sua magia branca para inibir seus inimigos. Havia nela alguma coisa de profundamente convincente, uma bondade implícita, inibidora, uma força carismática capaz de derrubar um sujeito tão perverso como Olho Rútulo. Não, ela, a Rainha, a única real beleza da Terra, mataria pessoalmente Branca de Neve. Somente o seu ódio teria forças para tanto.

Quando Adamastor lhe trouxe a preciosa informação, imediatamente juntou todos os seus feitiços e se disfarçou, como uma atriz experiente, de uma velha vendedora de maçãs. Envenenou uma das frutas. Branca de Neve morreria naquela noite.

•••

Os dois urubus tentavam abrir caminho no meio do caos para que a bruxa seguisse com sua cesta. Até a Rainha se assustou com o mundo arrasado, visto das ruas. As duas aves tiveram muito trabalho, furando os olhos de assaltantes que tentavam roubar as frutas, ou bicando os caçadores de ratos, que não atacavam fisicamente, mas que suplicavam, aos gritos, por um pouco de comida.

Mas a bruxa conseguiu atravessar a cidade e bater na porta do apartamento dos sete anões. Branca de Neve olhou pelo

buraco da fechadura. Que mal lhe faria uma velhinha? Talvez quisesse uma esmola. Abriu a porta. A Rainha engoliu em seco. Branca de Neve estava cada vez mais bonita. Uma tentação de bondade chegou a passar pela cabeça da bruxa. Mas ela resistiu.

— Os meus amiguinhos anões me falaram muito de você... Sou sua vizinha da outra casa... Queria tanto conhecê-la... Trouxe-lhe uma maçã. Prove.

— Oh, não, é tão difícil achar uma maçã... Guarde para a senhora... É bondade demais...

— É sua!

Branca de Neve provou a maçã envenenada. Caiu desfalecida. Como se estivesse morta.

•••

Energias sutis se desprenderam daquele corpo imóvel, cortaram os ares agoniados do caos e chegaram até os anões, que tentavam extrair alguma madeira do que antes fora um ameno bosque da cidade de São Paulo.

— Algo aconteceu com ela... — disse Mestre. — Eu sinto...

— Eu também... — falou Atchim. — Acho que foi a Rainha...

— Então, vamos atrás dela! — gritou Zangado, e logo saiu correndo, os companheiros atrás.

Não foi tão difícil encontrar a bruxa. O caminho de volta, como o de ida, não era fácil. Os urubus, com bicadas e unhas, procuravam afastar todos os assaltantes, bandidos ou simplesmente famintos que devoravam com os olhos a cesta de maçãs. Mas nem todos os miseráveis possuíam uma arma a laser, um verdadeiro tesouro. Zangado tinha a sua pistola.

A Rainha logo reconheceu o que ela chamava de "duendes", os protetores de Branca de Neve. E quando viu a pistola nas mãos de um deles, intuiu o seu fim próximo.

— Não, não faça isso! Não faça isso!

Zangado possuía uma boa pontaria e os urubus caíram, um sobre o outro, atingidos pelos raios mortais. Imediatamente, a

multidão de miseráveis caiu sobre a velha bruxa, matando-a em minutos, e matando-se para disputar as maçãs jogadas no chão.

— Agora, não podemos deixar que a notícia chegue ao palácio... — falou Mestre. — Ou tudo vai se transformar numa grande anarquia lá dentro...

— Temos de buscar o tal do Sérgio Murilo... Com certeza ele está preso nas celas do palácio... a bruxa não suportaria aquela declaração que ele fez à princesa... E, se a Rainha fez alguma coisa a Branca de Neve, somente ele pode reverter a ação... — disse Feliz.

— Por que só ele? — perguntou Soneca.

— Porque a ama — respondeu Atchim.

— Mas nós todos também a amamos... — falou Dunga, queixoso.

— Mas ela ama somente a ele, e não a nós. Por nós, ela sente apenas amizade... Amizade sincera, mas amizade... O amor real, aquele que resolve tudo, que ressuscita as pessoas, e que também pode matar, quando frustrado, é uma via de duas mãos — sentenciou Mestre, e todos silenciaram, concordando.

Os sete anões usaram de todos os seus truques para atingir o palácio e libertar Sérgio Murilo.

— Eu... eu já sabia que aquela faxineira era a Branca de Neve... — disse o Príncipe aos seus novos amigos — logo depois que a Rainha mandou me prender...

— Vamos correr até lá... Não sabemos se ela está viva... — Zangado parecia muito preocupado.

•••

Um beijo.

Um beijo terno, superficial, onde os lábios do Príncipe apenas tocaram os da Princesa.

Um beijo vindo do coração, da inocência, da bondade, da juventude dos sentimentos. Um beijo de amor real.

Branca de Neve abriu os olhos, e sorriu. Lembrou-se de uma outra vez em que acordou com os anões na cabeceira, quando Zangado lhe apontou uma pistola.

— Eu sei por que estamos vivos — disse ela ao seu Príncipe. — É para que possamos resgatar a antiga identidade, e a organização, se não do planeta, pelo menos deste lugar que um dia foi um país...

— O Brasil... — lembrou Sérgio Murilo. — Pobre Brasil...

— Temos de usar o nosso poder e a nossa condição de poderosos, não para construir jardins no espaço, mas para transformar o mundo que foi dos nossos avós e é nosso... Temos de assumir a nossa própria tragédia. E transformá-la em algo bom!

— Mas, Branca, e a Grande Viagem... Você não quer ir embora, construir um mundo melhor, longe desse... inferno?

— Seria escapismo da nossa parte, além de um individualismo exacerbado, você não acha? Como deixar essa gente toda morrer desamparada, miserável, se temos a condição de tentar alguma coisa? Se temos um pouco de poder, de riqueza? — perguntou a Princesa, recebendo a ajuda do filho do Rei do Paraná, para levantar-se.

— Você é uma pessoa muito especial... — disse Sérgio Murilo.

— Eu gostaria que você me acompanhasse nessa missão... — ela falou. — Os meus amiguinhos aqui, eu sei que estarão comigo, trabalhando para recuperar o progresso e a cultura do Brasil, mesmo que, pelo resto da vida, a gente viva somente durante as noites...

— Eu estou com você, Branca... Eu quero ficar com você... — o Príncipe se apaixonava mais a cada minuto.

— Não tem jeito: os revolucionários e os reformistas vão sair sempre dos quadros da burguesia... Até da burguesia predatória — concluiu Zangado, em voz baixa.

— O que foi que você disse? — Mestre quis saber.

— Nada! Nada! — o outro respondeu, impaciente. — Esquece...

Fernando Portela nasceu em Olinda (PE), em 1943. É jornalista e trabalha como executivo de comunicação da Fiat do Brasil, *holding* do Grupo Fiat.

Novelas juvenis publicadas: *A invasão do paraíso*, *Floripes some na cidade mágica* e *Sonhos de arrepiar*. Escreveu também textos de ficção para adultos.



A bela adormecida

Tanto Charles Perrault como os irmãos Grimm nos trouxeram suas versões dessa história de encantamento, em que as fadas são muito importantes para conduzir o destino da princesa. A história é esta:

Nasce a princesa. O reino está em festa. O rei manda convite para todos, inclusive às fadas. Por engano, uma das fadas não é convidada e promete vingança. Irrompe na festa e lança sua maldição: quando a princesa fizer quinze anos, espetará o dedo no fuso de uma roca (máquina de fiar) e morrerá. Ao partir, a fada má deixa todos desolados. Porém uma outra fada ainda não havia dado seu presente à princesa. Não pode cancelar a maldição, mas pode modificá-la. Se a princesa tocar no fuso, não morrerá, mas dormirá cem anos, junto com todos no castelo — a não ser que antes seja acordada pelo beijo de um príncipe.

O tempo passa. A moça cresce, faz quinze anos. Todas as rocas do reino foram destruídas ou proibidas, mas a fada má disfarça-se de criada e espera a princesa, fiando. Curiosa, pois não conhece rocas,



BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

VIRTUAL BOOKS

Apoio:



Patrocínio:



Realização:



Branca de Neve e os 7 Anões
Irmãos Grimm

Branca de Neve e os 7 Anões Irmãos Grimm

Há muito, muito tempo mesmo, no coração do inverno, enquanto flocos de neve caíam do céu como fina plumagem, uma rainha, nobre e bela, estava ao pé de uma janela aberta, cuja moldura era de ébano.

Bordava e, de quando em quando, olhava os flocos caindo maciamente; picou o dedo com a agulha e três gotas de sangue purpurino caíram na neve, produzindo um efeito tão lindo, o branco manchado de vermelho e realçado pela negra moldura da janela, que a rainha suspirou. e disse consigo mesma:

“Quem me dera ter uma filha tão alva como a neve, carminada como o sangue e cujo rosto fosse emoldurado de preto como o ébano!”

Algum tempo depois, teve uma filhinha cuja tez era tão alva como a neve, carminada como o sangue e os cabelos negros como o ébano. Chamaram à menina

de Branca de Neve; mas, ao nascer a criança, a rainha faleceu.

Decorrido o ano de luto, o rei casou-se em segundas núpcias, com uma princesa de grande beleza, mas extremamente orgulhosa e despótica; ela não podia suportar a idéia de que alguém a sobrepujasse em beleza. Possuía um espelho mágico, no qual se mirava e admirava freqüentemente.

E então, dizia:

- Espelhinho, meu espelhinho, Responde-me com franqueza: Qual a mulher mais bela de toda a redondeza?

O espelho respondia: - É Vossa Realeza a mulher mais bela desta redondeza.

Ela, então, sentia-se feliz, porque sabia que o espelho só podia dizer a pura verdade. No entanto, Branca de Neve crescia e aumentava em beleza e graça; aos sete anos de idade era tão linda como a luz do dia e muito mais que a rainha.

Um dia a rainha, sua madrasta, consultou como de costume o espelho.

- Espelhinho, meu espelhinho, responde-mo com franqueza: Qual a mulher mais bela de toda a redondeza?

O espelho respondeu:

- Real senhora, sois aqui a mais bela, Porém Branca

de Neve é de vós ainda mais bela !

A rainha estremeceu e ficou verde de ciúmes. E daí, então, cada vez que via Branca de Neve, por todos adorada pela sua gentileza, seu coração tinha verdadeiros sobressaltos de raiva.

- Sua inveja e seus ciúmes desenvolviam-se qual erva daninha, não lhe dando mais sossego, nem de dia, nem de noite.

Enfim, já não podendo mais, mandou chamar um caçador e disse-lhe:

- Leva essa menina para a floresta, não quero mais tornar a vê-la; leva-a como puderes para a floresta, onde tens de matá-la; traze-me, porém, o coração e o fígado como prova de sua morte.

O caçador obedeceu. Levou a menina para a floresta, sob pretexto de lhe mostrar os veados e corças que lá haviam. Mas, quando desembainhou o facão para enterrá-lo no coraçãozinho puro e inocente, ela desatou a chorar, implorando:

- Ah, querido caçador, deixa-me viver! Prometo ficar na floresta, e nunca mais voltar ao castelo; assim, quem te mandou matar-me, nunca saberá que me poupaste a vida.

Era tão linda e meiga que o caçador, que não era mau homem, apiedou-se dela e disse: Pois bem, fica na floresta, mas livra-te de sair lá, porque a morte seria

certa. E, em seu íntimo, ia pensando: “Nada arrisco, pois os animais ferozes vão devorá-la em breve e a vontade da rainha será satisfeita, sem que, eu seja obrigado a suportar o peso de um feio crime”.’

Justamente nesse momento passou correndo um veado; o caçador matou-o, tirou-lhe o coração e o fígado e levou-os à rainha como se fossem de Branca de Neve.

O cozinheiro foi incumbido de prepará-los e cozê-los; e, no seu rancor feroz, a rainha comeu-os com alegria desumana, certa de estar comendo o que pertencera, a Branca., de Neve...

Durante esse tempo a pobre menina, que ficara abandonada na floresta, vagava' trêmula de medo, sem saber, que fazer. Tudo a assustava, o ruído da brisa, uma folha que caía, enfim, tudo produzia nela um terrível pavor.

Ouvindo o uivar dos lobos, pôs-se a correr cheia de terror; os pezinhos delicados, feriam-se nas pedras pontiagudas e estava toda arranhada pelos espinhos. Passou ao pé de muitos animais ferozes., mas estes não lhe fizeram mal algum.

Enfim, à noitinha, cansada e ofegante, encontrou-se diante de uma linda casinha situada no meio de uma clareira. Entrou, mas não viu ninguém.

Contudo, a casa devia ser habitada, pois notou que tudo estava muito asseado e arrumadinho, dando gosto

de se ver.

Numa graciosa mesa coberta com uma fina e alva toalha, achavam-se postos. sete pratinhos, sete colherinha e sete garfinhos, sete faquinhas e sete copinhos, tudo perfeitamente em ordem.

No quarto ao lado, viu sete caminhas uma junto da outra, com seus lençóis tão alvos.

Branca de Neve, que morria de fome e sede, aventurou-se a comer um pouquinho do que estava servido em cada pratinho, mas, não querendo privar nem um só dono de seu alimento, tirou somente um bocadinho de cada. e bebeu apenas um golinho do vinho de cada um.

Depois, não agüentando cansaço, foi deitar-se numa caminha, mas a primeira era curta demais, a Segunda muito estreita, experimentando-as todas até que a sétima tinha a medida justa. Então fez sua oração, encomendou-se a Deus e em breve adormeceu profundamente.

Ao anoitecer chegaram os donos da casa; eram os sete anões, que trabalhavam durante o dia na escavação de minério na montanha.

Cada qual acendeu uma lanterninha e, quando a casa se iluminou, viram que alguém entrara em sua casa, porque não estava tudo na ordem perfeita conforme haviam deixado ao sair.

Sentaram-se à mesa, e, então, disse o primeiro:

- Quem mexeu na minha cadeirinha?

O segundo: - Quem, comeu do meu pratinho?

O terceiro: - Quem tocou no meu pãozinho?

O quarto: - Quem usou o meu garfinho?

O quinto: - Quem tirou um pouco da minha verdurinha?

O sexto: - Quem cortou com a minha faquinha?

E o sétimo: - Quem bebeu do meu copinho?

Depois da refeição, foram para o quarto; notaram logo as caminhas amassadas; o primeiro reclamou:

- Quem deitou na minha caminha?

- E na minha?

- E na minha? - gritaram os outros, cada qual examinando a própria cama.

Enfim, o sétimo descobriu Branca de Neve dormindo a sono solto na sua caminha.

Correram todos com suas lanterninhas e cheios de admiração exclamaram:

- Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! que encantadora e

linda menina!

Sentiam-se tão transportados de alegria, que não quiseram acordá-la e deixaram-na dormir tranqüilamente.

O sétimo anão dormiu uma hora com cada um de seus companheiros; e assim passou a noite.

No dia seguinte, quando Branca de Neve acordou e levantou-se, ficou muito assustada ao ver os sete anões.

Mas eles sorriram-lhe e perguntaram com a maior amabilidade:

- Como te chamas? - Chamo-me Branca de Neve, respondeu ela. - Como vieste aqui à nossa casa?

Ela contou-lhes como sua madrasta mandara matá-la e como o caçador lhe permitira que vivesse na floresta. Após ter corrido o dia todo chegara aí e, vendo a linda casinha, entrara para descansar um pouco.

Os anões perguntaram-lhe:

- Queres ficar conosco? Aqui não te faltará nada, só tens que cuidar da casa, fazer nossa comida, lavar e passar nossa roupa, coser, tecer nossas meias e manter tudo muito limpo e em ordem; mas; quando tiveres acabado o teu trabalho, serás a nossa rainha.

- Sim, anuiu a menina - ficarei convosco de todo o

coração!

E ficou morando com eles, procurando manter tudo sempre em ordem. Pela manhã, eles partiam para as cavernas em busca de ouro e minérios e, à noite, quando voltavam, todos jantavam juntos muito alegres.

Como a menina ficava só durante o dia, os anões advertiram-na que se acautelasse:

- Toma cuidado com a tua madrasta; não tardará a saber onde estás, por isso, durante nossa ausência, não deixes entrar ninguém aqui.

A rainha, entretanto, certa de ter comido o fígado e o coração de Branca de Neve, vivia despreocupada, ela pensava, satisfeita, que era, novamente, a primeira e mais bela mulher do reino.

Certo dia, porém, teve a fantasia de consultar o espelho, e certa de que lhe responderia não ter mais nenhuma rival em beleza. Assim mesmo disse:

- Espelhinho, meu espelhinho, Responde-mo com franqueza: Qual a mulher mais bela de toda a redondeza?

Imaginem o seu furor quando o espelho respondeu:

- Real senhora, do país sois a mais formosa. Mas Branca de Neve, que por trás dos montes vive e em casa dos sete anões, é de vós mil vezes mais formosa!

A rainha ficou furiosa, pois sabia que o espelho não podia mentir. Percebeu, assim, que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava a viver.

Novamente devorada pelo ciúme e pela inveja, só pensava na maneira de suprimi-la encontrando algum alívio só quando julgou ter ao alcance o meio desejado.

Pensou, pensou, pensou, depois tingiu o rosto e disfarçou-se em velha vendedora de quinquilharias, de maneira perfeitamente irreconhecível.

Assim disfarçada, transpôs as sete montanhas e foi à casa dos sete anões; chegando lá, bateu à porta e gritou:

- Belas coisas para vender, belas coisas; quem quer comprar?

Branca de Neve, que estava no primeiro andar e se aborrecia por ficar sozinha todo o santo dia, abriu a janela e perguntou-lhe o que tinha para vender.

- Oh! coisas lindíssimas, - respondeu a velha - olhe este fino e elegante cinto.

A o mesmo tempo, mostrava um cinto de cetim cor de rosa, todo recamado de seda multicolor. “Esta boa mulher posso deixar entrar sem perigo”, calculou Branca de Neve; então desceu, puxou o ferrolho e comprou o cinto.

Mas a velha disse-lhe: - Tu não sabes abotoá-lo! Vem, por esta vez, eu te ajudarei a fazê-lo, como se deve. A menina postou-se confiante na frente da velha, deixando que lhe abotoasse o cinto; então a cruel inimiga, mais que depressa, apertou-o com tanta força, que a menina perdeu a respiração e caiu desacordada no chão.

- Ah, ah! - exclamou a rainha, muito contente - Já foste a mais bela! E fugiu rapidamente, voltando ao castelo.

Felizmente, os anões, nesse dia, tendo terminado o trabalho mais cedo que de costume, voltaram logo para casa.

E qual não foi seu susto ao verem a querida Branca de Neve estendida no chão, rígida como se estivesse morta! Ergueram-na e viram que o cinto apertava demais sua cinturinha. Logo o desabotoaram e ela começou a respirar levemente e, pouco a pouco, voltou a si e pôde contar o que sucedera.

Os anões disseram-lhe:

- Foste muito imprudente; aquela velha era, sem dúvida, a tua horrível madrasta. Portanto, no futuro, tenha mais cuidado, não deixes entrar mais ninguém quando não estivermos em casa.

- Á pérfida rainha, logo que chegou ao castelo, correu ao espelho, esperando, enfim, ouvi-lo proclamar a sua

absoluta beleza, o que para ela soava mais deliciosamente que tudo, e perguntou:

- Espelhinho, meu espelhinho, Responde-me com franqueza: Qual a mulher mais bela de toda a redondeza?

Como da outra vez, o espelho respondeu:

- Real senhora, do país sois a mais formosa. Mas Branca de Neve, que por trás dos montes vive o em casa dos sete anões... é de vós mil vezes mais formosa!

A essas palavras a rainha sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias; empalideceu de inveja e, depois, torcendo-se de raiva, compreendeu que a rival ainda estava viva. Pensou, novamente, num meio de perder a inocente, causa de seu rancor.

“Ah, desta vez hei de arranjar alguma coisa que será a tua ruína!”

E, como entendia de bruxedos, pegou num magnífico pente cravejado de pérolas e besuntou-lhe os dentes com o veneno feito por ela própria.

Depois, disfarçando-se de outro modo, dirigiu-se para a casa dos sete anões; aí bateu à porta, gritando:

- Belas coisas para vender! coisas bonitas e baratas; quem quer - comprar? Branca de Neve abriu a janela e disse: - Podeis seguir vosso caminho boa mulher; eu não posso abrir a ninguém.

- Mas olhar, apenas, não te será proibido! - disse a velha - Olha este pente. cravejado de pérolas e digno de uma princesa. Pega nele e admira de perto, nada pagarás por isso!

Branca de Neve. deixou-se tentar pelo brilho das pérolas; depois de o ter bem examinado, quis comprá-lo e abriu a porta à velha, que lhe disse:

- Espera, vou ajudar você e a pôr o pente nos teus lindos e sedosos cabelos, para que estejas bem adornada. A pobre menina, sem saber, deixou-a fazer; a velha enterrou-lhe o pente com violência; mal os dentes tocaram na pele, Branca de Neve caiu morta sob a ação do veneno.

A rainha maldosa resmungou satisfeita:

- Enfim bem morta, Flor de Beleza! - Agora tudo se acabou para ti! Adeus!- exclamou, a rainha, soltando uma gargalhada medonha. e apressando-se a regressar ao castelo.

Já estava anoitecendo e os anões não tardaram a chegar. Quando viram Branca de Neve estendida no chão, desacordada, logo adivinharam nisso a mão da madrasta. Procuraram o que lhe poderia ter feito e encontraram o pente envenenado. Assim que o tiraram da cabeça, a menina voltou a si e pôde contar o que sucedera. Novamente a preveniram que tomasse cuidado e não abrisse a porta, dizendo:

- Foi ainda a tua madrasta quem te pregou essa peça. Preciso que nos prometas que nunca mais. abrirás a porta,. seja lá a quem for. Branca de Neve prometeu tudo o que os anões lhe pediram.

Apenas de volta ao castelo, a rainha correu a pegar no espelho e perguntou:

- Espelhinho, meu espelhinho, Responde-me com franqueza: Qual- a mulher mais bela de toda a redondeza?

Mas a resposta foi como das vezes anteriores. O espelho repetiu:

- Real senhora, do pais sois a mais formosa, Mas Branca de Neve, que por trás dos montes vive e em casa dos sete anões, é de vós mil vezes mais formosa!

Ao ouvir tais palavras, ela teve um assomo de ódio, grito a raiva malvada:

- Hás de morrer, criatura miserável, ainda que eu te - nha que o pagar com minha vida!

Levou vários dias consultando todos os livros de bruxaria; finalmente fechou-se num quarto, ciosamente oculto, onde jamais entrava alma viva e aí preparou uma maçã, impregnando-a de veneno mortífero.

Por fora era mesmo tentadora, branca e vermelha, e com um perfume tão delicioso que despertava a gula

de qualquer um; mas, quem provasse um pedacinho, teria morte infalível.

Tendo assim preparado a maçã, pintou o rosto e disfarçou-se em camponesa e como tal encaminhou-se, transpondo as sete montanhas e indo bater à casa dos sete anões. Branca de Neve saiu à janela e disse:

- Vai embora, boa mulher, não posso abrir a ninguém; os sete anões proibiram.

- Não preciso entrar, - respondeu a falsa camponesa - podes ver as maçãs pela janela, se as quiseres comprar. Eu venderei alhures minhas maçãs, mas quero dar-te esta de presente. Vê como ela é magnífica! Seu perfume embalsama o ar. - Prova um pedacinho, estou certa de que a acharás deliciosa!

- Não, não, - respondeu Branca de Neve - não me atrevo a aceitar.

- Receias, acaso, que esteja envenenada? - disse a mulher - Olha, vou comer a metade da maçã e tu depois poderás comer o resto para veres que deliciosa é ela.

Cortou a maçã e pôs-se a comer a parte mais tenra pois a maçã havia sido habilmente preparada, de maneira que o veneno estava todo concentrado na cor vermelha.

Branca de Neve, tranqüilizada, olhava cobiçosamente para a linda maçã e, quando viu a camponesa masti-

gar a sua metade, não resistiu, estendeu a mão e pegou a parte envenenada. Apenas lhe deu a primeira dentada, caiu no chão, sem vida.

Então a pérfida madrasta contemplou-a com ar feroz. Depois, - saltando e rindo com uma alegria infernal, exclamou:

- Branca como a neve, rosada como o sangue e preta como o ébano! Enfim, morta, morta, criatura atormentadora! Desta vez nem todos os anões do mundo poderão despertar-te!

Apressou-se a voltar ao castelo; mal chegou, dirigiu-se ao espelho e perguntou:

- Espelhinho, meu espelhinho, Responde-me com franqueza: Qual a mulher mais bela de toda a redondeza?

Desta vez o espelho respondeu:

- De toda a redondeza agora, Real senhora, sois vós a mais formosa!

Sentiu-se transportada de júbilo e seu coração tranqüilizou-se, enfim, tanto quanto é possível a um coração invejoso e mau.

Os anões, regressando à noitinha; encontraram Branca de Neve estendida no chão, morta. Levantaram-na e procuraram, em vão, o que pudera causar-lhe a morte; desabotoaram-lhe o vestido, pentearam-lhe o

cabelo. Lavaram-na com água e vinho, mas tudo foi inútil: a menina estava realmente morta.

Então, colocaram-na num esquife e choraram durante três dias. Depois cuidaram de enterrá-la, porém ela conservava as cores frescas e rosadas como se estivesse dormindo. Eles então disseram:

- Não, não podemos enterrá-la na terra preta. Fabricaram um esquife de cristal para que fosse visível de todos os lados e gravaram - na tampa, com letras de ouro o seu nome e sua origem real; colocaram-na dentro e levaram-na para o cume da montanha vizinha, onde ficou exposta, e cada um por sua vez ficava ao pé dele para a guardar contra os animais ferozes.

Mas podiam dispensar-se disso; os animais, todos da floresta, até mesmo os abutres, os lobos, os ursos, os esquilos e pombinhas, vinham chorar ao pé da inocente Branca de Neve.

Muitos anos passou Branca de Neve dentro do esquife, sem apodrecer; parecia estar dormindo, pois sua tez era ainda como a desejara a mãe: branca como a Neve, rosada como o sangue e os longos cabelos pretos como ébano; não tinha o mais leve sinal de morte.

Um belo dia, um jovem príncipe, filho de um poderoso rei, tendo-se extraviado durante a caça na floresta, chegou à montanha onde Branca de Neve repousava dentro de, seu esquife de cristal. Viu-a e ficou deslumbrado com tanta beleza, leu o que estava gravado em letras de ouro e não mais a esqueceu.

Pernoitando em casa dos anões disse-lhes:

- Dai-me esse esquife; eu vos darei todos os meus tesouros para poder levá-lo ao meu castelo. Mas os anões responderam:

- Não; não cedemos a nossa querida filha nem por todo o ouro do mundo. O príncipe caiu em profunda tristeza e permaneceu extasiado na contemplação da beleza tão pura de Branca de Neve; tornou a pedir aos anões:

- Fazei-me presente dele, pois já não posso mais viver sem a ter diante de meus olhos; quero dar-lhe as honras que só se prestam ao ser mais amado neste mundo.

Ao ouvirem essas palavras, e vendo a grande tristeza do príncipe, os anões compadeceram-se dele e deram-lhe Branca de Neve, certos de que ele não deixaria de colocá-la na sala de honra do seu castelo.

O príncipe tendo encontrado seus criados, mandou que pegassem no caixão e o carregassem nos ombros.

Aconteceu, porém, que um dos criados tropeçou numa raiz de árvore e, com o solavanco, pulou da boca meio aberta o bocadinho de maçã que ela mordera mas não engolira.

Então Branca de Neve reanimou-se; respirou profundamente, abriu os olhos, levantou a tampa do esquife

e sentou-se: estava viva.

- Meu Deus, onde estou? - exclamou ela.

O príncipe, radiante de alegria, disse-lhe:

- Estás comigo. Agora acabaram todos os teus tormentos, bela garota; a mais preciosa que tudo quanto há no mundo; vamos ao castelo de meu pai, que é um grande e poderoso rei, e serás a minha esposa bem amada.

Como o príncipe era encantador e muito gentil, Branca de Neve aceitou-lhe a mão. O rei muito satisfeito com a escolha do filho, mandou preparar tudo para umas núpcias suntuosas.

Para a festa, além dos anões, foi convidada também a rainha que, ignorando quem era a noiva, vestiu os seus mais ricos trajes, pensando eclipsar todas as damas e donzelas. Depois de vestida, foi contemplar-se no espelho, certa de ouvir proclamar sua beleza triunfante. Perguntou:

- Espelhinho, meu espelhinho, Responde-me com franqueza: Qual a mulher mais bela de toda a redondeza?

Qual não foi seu espanto ao ouvi-lo responder:

- Real senhora, de todas aqui solo a mais bela agora, Mas a noiva do filho do rei, é de vós mil vezes mais formosa!

A perversa mulher soltou uma imprecisão e ficou tão exasperada que não podia controlar-se e não queria mais ir à festa. Entretanto, como a inveja não lhe dava tréguas, sentiu-se arrastada a ver a jovem rainha.

Quando fez a entrada no castelo, perante a corte reunida, Branca de Neve logo reconheceu sua madrasta e quase desmaiou de susto.

A horrível mulher fitava-a como uma serpente ao fascinar um passarinho. Mas sobre o braseiro já estavam prontos um par de sapatos de ferro, que haviam ficado a esquentar em ponto de brasa; os anões apoderaram-se dela e, calçando-lhe à força aqueles sapatos quentes como fogo, obrigaram-na a dançar, a dançar, a dançar, até cair morta no chão.

Em seguida, realizou-se a festa com um esplendor jamais visto sobre a terra, e todos, grandes e pequenos, ficaram profundamente alegres.

Fim

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br

Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.